



Jornal RUMOS

Ano 35 | nº 250 - Maio / Junho 2017

Agonia de Jesus

Coração do Nazareno



Médico Francês reconstituiu a agonia de JESUS

Jesus entrou em agonia no Getsemani e seu suor tornou-se como gotas de sangue a escorrer pela terra.

O único evangelista que relata esse fato é um médico, Lucas. E o faz com precisão de um clínico. Seu sangue, ou "hematidrose", é um fenômeno raríssimo. É produzido em condições excepcionais: para provocá-lo é necessária uma fraqueza física, acompanhada de um abatimento moral violento por uma profunda emoção, por grande medo.

O terror, a angústia terrível de sentir-se esmagado pela condenação vil, a presença da mais cruel das mortes, que mata pela dor sem ferir órgãos vitais.

Tal tensão extrema produz o rompimento das finíssimas veias capilares que estão sob as glândulas sudoríparas, o sangue se mistura ao suor e se concentra sobre a pele, e então escorre por todo o corpo até a terra.

A flagelação se efetua com tiras de couro múltiplas sobre as quais são fixadas bolinhas de chumbo e de pequenos ossos. Os carrascos golpeiam com chibatadas a pele, que se dilacera e se rompe; o sangue espirra. A cada golpe Jesus reage em um sobressalto de dor. As forças se esvaem; um suor frio lhe impregna a fronte, a cabeça gira em uma vertigem de náusea, calafrios lhe correm ao longo das costas. Se não estivesse preso no alto pelos

pulsos, cairia em uma poça de sangue.

Com longos espinhos, mais duros que os da acácia, os algozes entrelaçam uma espécie de capacete e o aplicam sobre a cabeça. Os espinhos penetram no couro cabeludo fazendo-o sangrar. Depois de ter mostrado aquele homem dilacerado à multidão feroz, Pilatos o entrega para ser crucificado. Certamente os gritos de morte da multidão, que dele só recebera o bem, dilacera ainda mais a sua alma.

Jesus caminha descalço pelas ruas de terreno irregular, cheias de pedregulhos, levando o pesado lenho da cruz. O percurso é de cerca de 600 metros. Jesus, fatigado, arrasta um pé após o outro, frequentemente cai sobre os joelhos. E os ombros de Jesus estão cobertos de chagas. Quando ele cai por terra, a viga lhe escapa, escorrega, e lhe esfolia o dorso.

Sobre o Calvário tem início a crucificação. Os carrascos despojam o condenado, mas a sua túnica está colada nas chagas e tirá-la produz dor atroz. Depositam-no sobre o braço horizontal da cruz. Os carrascos pegam um prego e apoiam-no sobre o pulso de Jesus. Com um golpe certo de martelo o rebatem sobre a madeira. Os músculos se contraem. Um segundo prego atravessa o pulso do outro lado. Depois o doloroso prego atravessa também seus pés. Pode-se imaginar aquilo que Jesus deve ter provado; uma dor lancinante, agudíssima que se difundiu pelos dedos, e espalhou-se pelos ombros, atingindo o cérebro.

A dor mais insuportável que um homem pode provar, que é produzida pelos grandes troncos nervosos, provoca uma síncope e faz perder a consciência. O nervo é destruído só em parte: a lesão do tronco nervoso permanece em contato com o prego, quando o corpo foi suspenso na cruz, o nervo se esticará fortemente como uma corda de violino esticada sobre a cravelha. Um suplício que dura três horas.

Ao meio-dia Jesus tem sede. Não bebeu desde a tarde anterior. Seu corpo é uma máscara de sangue. A boca está semiaberta e o lábio inferior começa a pender. A garganta, seca, lhe queima, mas ele não pode engolir. Tem sede. Um soldado lhe estende sobre a ponta de uma vara, uma esponja molhada em bebida ácida.

Um estranho fenômeno se produz no corpo de Jesus. Os músculos dos braços se enrijecem em uma contração que vai se acentuando: os deltoídes, os bíceps esticados e levantados, os dedos, se curvam. A respiração se faz, pouco a pouco, mais curta. Jesus respira com o ápice dos pulmões. Tem sede de ar: como um asmático em plena crise, seu rosto pálido pouco a pouco se torna vermelho, depois se transforma num violeta purpúreo e enfim em cianótico. Jesus é envolvido pela asfixia. Os pulmões cheios de ar não podem mais esvaziar-se. A fronte está impregnada de suor, os olhos saem fora de órbita.

Com voz fraca Jesus reza: "PAI, PERDOA-LHES PORQUE NÃO SABEM O QUE FAZEM".

Pelas três da tarde, depois de uma agonia de três horas na cruz, suas dores, a sede, as caibras, a asfixia, o latejar dos nervos medianos, lhe arrancam um lamento: "MEU DEUS, MEU DEUS, PORQUE ME ABANDONASTE?".

Em seguida grita: "TUDO ESTÁ CONSUMADO!". Entregara sua vida a uma missão: mostrar aos homens os caminhos que levam ao Pai. Agora entrega também o seu espírito: "PAI, NAS TUAS MÃOS ENTREGO O MEU ESPÍRITO". E morre... perdoadando e amando, como vivera.

www.guia.heu-nom.br/agonia_de_jesus

Havia no coração do Nazareno uma vida menor e uma vida maior. A vida menor estava na carne, no âmbito da matéria e o ligava a todos os homens. A vida maior era ampla e invulnerável. Escondida na pequenez de um simples carpinteiro, ela era mais vasta do que os oceanos e mais elevada do que as cordilheiras da Terra.

Frágil na carne e humano na aparência, o Nazareno trazia no olhar o sopro do universo e a luz de todas as verdades. Seu poder vinha do Altíssimo, por isso as forças do mal tremiam diante dele e os demônios se encolhiam de medo aos seus pés.



Sua vida menor era frágil e foi ceifada no lenho da cruz. Sua vida maior, porém, foi capaz de vencer a iniquidade e romper o silêncio da morte na ressurreição, pela qual revelou a Deus e revelou a si mesmo. Por causa da ressurreição podemos dizer que o que parecia fracasso se transformou em vitória. São João é categórico em afirmar: "A Ressurreição é a verdade fundamental da nossa fé. Cremos, aceitamos e vivemos na fé de Cristo vivo, ressuscitado dos mortos, após a consumação de sua vida na cruz" (Jo 19,28-30). Paulo também é categórico em sua afirmação: "Se Cristo não tivesse ressuscitado, vã seria a nossa fé (I Cor.15,13-14).

Antônio Müller

Editorial

Nossa edição 250ª do Jornal Rumos comemora a maior festividade do cristianismo, a Páscoa da Ressurreição de nosso Senhor e Irmão Jesus Cristo. Páscoa que sucedeu à sua horrível e dolorosa paixão e morte.

Por isso comemoramos, na Capa do jornal, esses dois grandes acontecimentos.

A Empresa que nos favorecia com preços módicos a diagramação e impressão do Jornal foi vendida. Com isso enfrentaremos, a partir de agora, preços bem mais elevados que acompanharão as tabelas comerciais atuais.

Então solicito encarecidamente, mais juma vez, que os muitos recebedores do jornal impresso atualizem sua anuidade junto ao ainda tesoureiro Enoch, no banco e conta constantes na pág. 2, embaixo, em EXPEDIENTE.

Infelizmente mais de 2/3 dos recebe-

dores do jornal impresso estão INADIMPLENTES!!! Conforme consta no bilhete com o endereço de correio.

Cumprimento, desde já, as mães que comemoram seu dia no 2º domingo de maio, dia 14. Aqui na terra ou lá no céu elas recebam nossa gratidão e orações.

Solicito e agradeço envio de comentários e sugestões, pelo e-mail abaixo.

Que o Ressuscitado nos abençoe e acompanhe em nossa caminhada terrestre! Amém.



Gilberto editor
gilgon@terra.com.br

Carta do Presidente aos leitores

Caros amigos e amigas do MFPC, Mais uma vez chega aos nos lares um valioso e expressivo trabalho jornalístico dos nossos amigos Giba, Aglécia e Antônio Müller.

Neste número, gostaria de salientar a corajosa e feliz escolha que fizemos, em certo momento de nossa caminhada, quando optamos pelo sacramento do matrimônio. Cada um, a seu modo, teve a felicidade de encontrar alguém que aceitou compartilhar a alegria da vida conjugal.

A partir do encontro e da aceitação mútua, os dois, na busca de construir uma relação de amor e companheirismo, colocaram-se lado a lado tentando compreender-se.

Esta caminhada a dois chamamos de arte do acompanhamento. Se amamos devemos, em certo sentido, perder o controle de nossa própria vida, entregar-nos ao outro numa atitude de despojamento, pois já não sabemos prever o que o amor nos solicita.

O amor é exigente.

Que o casamento é uma comunhão espiritual entre um homem e uma mulher, todos sabemos; mas de um modo ou de outro Deus ou pelo menos algo espiritual deverá estar entre eles para iluminar as noites escuras dessa caminhada, que exige contínuo diálogo e perdão. A necessidade do diálogo nasce porque o casal se ama, porque gosta de estar junto, de se olhar olhos nos olhos, de abrir o coração para a entrada e a acolhida do outro.

Que Deus ilumine nossa caminhada a dois! Abraço a todos.

Aila e Antônio
Casal Presidente do MFPC

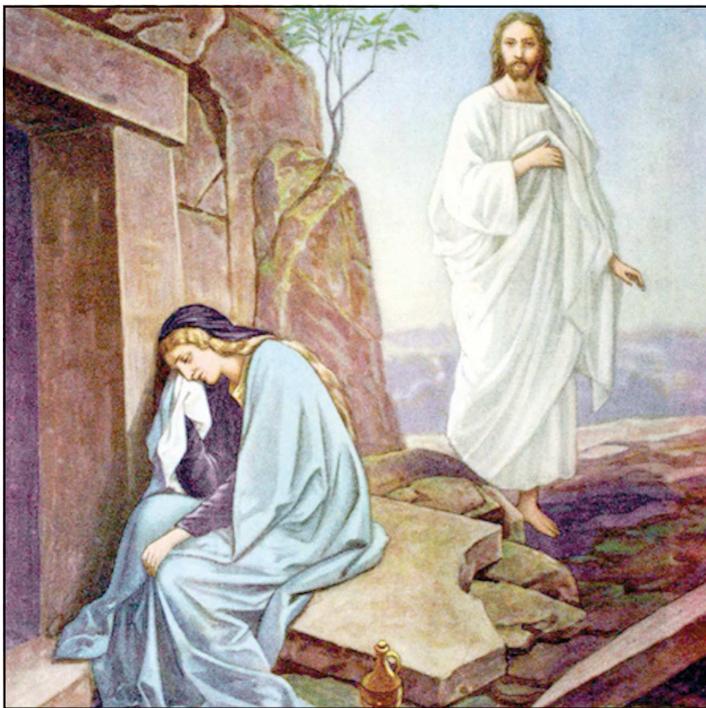


PÁSCOA - A GRANDE METÁFORA

Para os cristãos a Semana Santa é a grande semana em que se celebra a vida, a morte e a ressurreição de Jesus. Esses três fatos são momentos de um único processo, chamado de "mistério pascal", mistério da passagem (páscoa na linguagem bíblica) da vida para a morte e da morte para a ressurreição. Ou então da passagem do cativo egípcio para a libertação do povo no deserto e para a conquista da terra da promessa.

Hegel quando jovem estudante de teologia em Tübingen (foi primeiramente teólogo bem como Heidegger) em seu Stif (seminário) teve durante a sexta-feira santa uma iluminação que modificou toda sua vida e que está na raiz de sua filosofia. Chama a esta sexta-feira de "sexta-feira santa teórica". Viu a unidade do processo da natureza e da história que passa pela vida, pela morte e pela transfiguração bem como no mistério pascal cristão. Chamou a isso de dialética.

Se bem reparamos, a semana santa, para além de



seu caráter religioso, representa uma grande metáfora.

Tudo no universo, nos processos biológicos, humanos e biográficos se estrutura na forma da dialética. O

primeiro momento é a tranquila serenidade e paz infinita daquele pontinho quase infinito de onde viemos. De repente, sem sabermos por que, ele explode. Produz

um incomensurável caos. A evolução do universo significa um processo de criar ordem no caos. Cada ser vivo nasce, se desenvolve, morre e se transfigura no

Todo. As sociedades passam por crises. Produz-se um processo de dissolução.

Quando se define outra forma de organização social emerge uma nova ordem com outro sentido de ser. O ser humano vive seu arranjo existencial sereno e tranquilo. Eis que irrompe a crise e tudo se abala. Purifica-se, madura e cria outra ordem vital. Esta por sua vez, lentamente, também se desestabiliza e somente volta à serenidade quando elabora outro sentido de vida ou passa para outra dimensão além-morte.

Em todo esse processo dialético há a experiência de vida, de morte e de transfiguração; de ordem, desordem e nova ordem; de tese, antítese e síntese. A complexidade, segundo E. Morin, se estrutura nesta dialética. Nesta visão dialética a pessoa não foi criada para conceber um fim na morte, mas para se transfigurar através da morte. Passa, como diriam os alquimistas medievais, por um processo alquímico e entra numa ordem mais alta. Os

cristãos chamam a isso de ressurreição. Ela não significa a reanimação de um cadáver, mas a transfiguração completa do ser humano em comunhão com o Ser. É a dialética da semente: "se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, ficará só; mas se morrer, produzirá muito fruto", como disse o Mestre.

Hoje a natureza e a humanidade vivem sob pesada sexta-feira santa ameaçadora. Há devastação e sofrimento em demasia. A via-sacra tem estações sem fim. A nossa esperança é que este padecimento se ordene a uma radiante transformação, a um novo paradigma de convivência onde não seja tão difícil tratarmos os seres da natureza com compaixão e nossos próximos com humanidade e com cuidado. Depois que Cristo ressuscitou após um fragoroso fracasso pessoal não temos mais direito de ficar tristes e de perdermos a esperança. Do caos pode vir sempre vida nova. A história e a saga de Jesus nos oferecem um sinal credível.

Leonardo Boff

Expediente

O JORNAL RUMOS é uma publicação bimestral da Associação Rumos/Movimento das Famílias dos Padres Casados do Brasil (MFPC). A Associação Rumos é uma sociedade civil de direito privado, de âmbito nacional, com finalidades assistenciais, filantrópicas, culturais e educacionais, sem fins lucrativos.



Associação Rumos
Movimento Nacional das Famílias dos Padres Casados

www.padrescasados.org

Organismos de Apoio da AR e Conselho Gestor do Movimento de Padres Casados e suas Famílias:

Presidente da AR - Antônio Evangelista de Andrade

Vice-Presidente da AR - Lusimar de Deus Osni

Tesoureira: Joelma dos Santos Galvão

Secretária: Maria Vanderlena Torquato Lenira

Moderador do e-grupo padrescasados: João Correia Tavares

Coordenadores do site www.padrescasados.org: João Correa Tavares e Antonio Evangelista, com a ajuda estética e técnica de Giba e seu filho Marco Gonzaga

Coordenadores do Grupo dos jovens: José E. Rolim Mota e Rejane

Novo e-mail do MFPC: mfpcrumos@gmail.com

E-mail para enviar matérias para o site: tavaresj@elointernet.com.br

Representante internacional: João Correa Tavares e Sofia

Coordenador da comissão de teologia:

Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Assessor Jurídico e Curador do Patrimônio da AR:

Antônio Evangelista Andrade

Assessores bíblico-teológicos:

Eduardo Hoornaert e Geraldo Frencken

Obs. - As respectivas esposas estão incluídas nas funções acima.

Conselho Fiscal da AR: Telma Araújo de Oliveira Spagnolo, Sônia Maria Salviano Matos de Alencar, Jorge Panciano Ribeiro

JORNAL RUMOS:

Coordenador do Conselho Editorial do Jornal Rumos: Gilberto Luiz Gonzaga

Assessoria: Antônio Müller

Diagramação: Rodrigo Maierhofer Macedo

Jornalista Responsável: Mauro Queiroz (MTB 15025)

Correspondência: artigos, comunicações, sugestões e críticas devem ser dirigidos para o e-mail:

gilgon@terra.com.br de Gilberto Luiz Gonzaga, Florianópolis SC, fone 47-9-9983-5537

Os textos assinados não representam necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Assinatura anual do Jornal Rumos: R\$ 50,00 (cinquenta reais)

Pagamento pela Agência:

Comunique imediatamente ao nosso tesoureiro:

Associação Rumos: Anuidade de sócio - 150,00 (138,00 + 12,00 para Fundo de mútua ajuda);

Pague sua anuidade exclusivamente através de depósito bancário no

Agência: Conta Corrente:

Boa tarde Sr. Gilberto. Como vai V. Graça? Espero que estejam bem mesmo. Quero agradecer pelo envio do jornal Rumos regular e gratuitamente. O Senhor sabe que é pouco provável o fim do celibato simplesmente por não ser hedonista a doutrina, ou seja, o sexo é principalmente procriatizante. Enviarei essa semana maiores detalhes das minhas propostas. Convertamo-nos enquanto é tempo.

Jose Coutinho de Oliveira
jocodeol@gmail.com

Lendo o Jornal Rumos, edição 249, encontrei a matéria Peregrinação à Terra Santa, programada para julho deste ano. Gostaria de saber se será aberta a leigos, porque estou interessado. Por gentileza, solicito maiores informações. Desde já agradeço. Um forte abraço.

Galdino Vivian
galdinoeunici2008@hotmail.com

Bom dia, Querido!
Recebi neste e-mail.

Grande abraço e um dia abençoado.

Cristiane Vicari
cristiane@lemonde.com.br

Prezado Gilberto, Felicitações pela Edição do Jornal Rumos nº 249 de 2017 e para toda equipe da redação.

Aproveito e envio anexo, artigo "TERAÇOS E TELHADOS VERDES" para, após sua análise, poder ser publicado no Jornal Rumos do MFPC.

Sds. In Corde Jesu

Clovis Antunes C. Albuquerque
c_antunes30@hotmail.com

Padre Gilberto, muito grato pelo envio do Jornal. Muito bom, matérias preciosas. Deus abençoe a caminhada de vocês!

Com afeto em Cristo,

Dom Sebastião Armando - Recife
sgameleira@gmail.com

Amigo Giba, o autor de "o sexto dia da criação" não é desconhecido, sou eu!! É a segunda vez que isso ocorre. Será algum boicote ideológico ou corporativo (por eu não ser padre)? RSS

Antônio Mesquita Galvão
NOTA da REDAÇÃO:
perdão, amigo, pela falha.

Gilberto, acabo de ler o Rumos. Como já se esperava, o XXI encontro nacional foi um sucesso. Pude sentir a alegria dos colegas ao se abraçarem, com esposas e alguns filhos, todos unidos na mesma fé e na mesma Igreja do seu sacerdócio eterno (tu es sacerdos in aeternum!...) Esta igreja que sempre amaram. Vou ainda reler os artigos e, oportunamente, se for o caso, ousar algum comentário. Parabéns aos organizadores do encontro em Brasília e aos editores do Rumos.

Mons. Pedro Terra Filho- BH
pedrocamilotelles@gmail.com

Gilberto. Muito bom o Jornal Rumos de Fevereiro, além de muitos artigos interessantíssimos, o Jornal coloca dentro do XXI Encontro Nacional do MFPC realizado em Brasília. Que venha Manaus em 2019!!!

Antônio Alcuk
zuk.antonio@gmail.com

Caro Gilberto, Obrigado pelo envio. A publicação está ótima, mais uma vez.

Você pode me ajudar, por gentileza, a conseguir o contato do padre Paulo Barabasz, de União da Vitória-PR, que escreveu um artigo para esta edição?

Obrigado mais uma vez. Um abraço

Daniel Piassa Giovanaz
daniel.giovanaz@gmail.com

Prezados amigos Tavares e Gonzaga, voltei da Austrália há pouco tempo, tendo visitado nossa filia caçula e familiares. Encontrei os 2 nº do nosso Jornal Rumos que ainda não deu pra ler. Como os outros, são muito interessantes e irei ler logo! Agradeço e espero também poder enviar o meu óbolo! Um forte abraço etudo de bom pra Vocês, à Redação e vossos familiares todos. Aqui vai também foto dos familiares residentes em Brisbane - Austrália. Teria preferido o nosso querido Brasil, mas não deu, embora eles tenham trabalhado na Petrobras. Não estou entendendo porque o Brasil tão rico... tenha tanta pobreza e dificuldade para o trabalho!

Orlando Testi - Cesena - Italia
orlando.testi@alice.it

Recordados Hermanos, reciban cordiales saludos.

Gracias por el envio del documento RUMOS. Lo estoy leyendo.

Esperamos que con la suscripcion, la edicion, llegue sin ninguna novedad.

Comunicaremos su llegada

Mario Mullo
mariomullo@yahoo.com

Muy querido hermano Giba: Mi felicitación sincera y mi enorme agradecimiento por el envio de Rumos.

Además de traer noticias de los amigos-hermanos de Brasil y de otras partes del mundo, mantiene vivo en nosotros el deseo de seguir viviendo nuestro sacerdocio por nuevos caminos.

Un fraterno abrazo.

Tere y Lauro Macias Raygosa
lauro.macias@gmail.com

O Jornal RUMOS está lindo! Essa foto do grupo, que se fez presente em Brasília, mostra um pouquinho de alegria e da beleza que foi nosso XXI ENCONTRO NACIONAL.

Para os que foram, apreciaram momentos de reflexão sobre vários assuntos ali abordados, o valoroso convívio de nossos filhos e netos, a presença cuidadosa das cunhadas, buscando alternativas de lazer para as famílias ali presentes. Enfim, cumungamos o verdadeiro espírito de Renovada Esperança.

Muito obrigada a todos, que de uma forma ou de outra contribuí, para que esse Encontro acontecesse de maneira tão leve, proveitosa e significativa para todos nós que fazemos o MFPC.

Lúcia Moura
luciamoura18@hotmail.com

Li de fio a pavio o vosso Rumos. Continuai nesse azimute que ides bem. Se vai dar a algum bom porto tenho dúvidas, mas mesmo assim gostava de embarcar nessa nave. Não consigo. Um abraço

Horácio Fernandes
horaciofernandes35@gmail.com

Olá. Não visualizei o texto. Foi anexo-ado? Abraços.

Olá Gilberto. Hoje (05-03) recebi o jornal. Obrigado. Abraços,

Ozanir Martins Silva
ozanirmartinsilva@yahoo.com.br
NOTA da Redação: foi no anexo, sim.

A minha idade de 85 anos é muito bela na existência humana, embora eu esteja mais pra lá do que pra cá...

A mim me parece que muitos atuais meios de comunicação, incluindo o nosso jornal Rumos, estão avançando e atuando na linha maravilhosa de construir a felicidade e o bem-estar de todos os homens e mulheres em cada etapa da vida terrestre.

NB: na foto: eu, Pe. Sadi e parentes



Padre Marciano Callegari
Caxias do Sul - RS

Estimado Gilberto Luis Gonzaga
El jornal Rumos, es un apoyo a todos los sacerdotes casados en América, nos acerca mas a una realidad inconcebible de alejamiento de sacerdotes bien intencionados que buscaron salir en vez de tener una doble vida o caer en la enfermedad de la pederastia cuando debería ser todo lo contrario, de darles mas privilegios de estar en las ciudades para ayudar con la educación de los niños/as el trabajo de la esposa etc; sin embargo nos miran de arriba como si fuéramos la misma escoria de la sociedad... Decirte también que los artículos son buenos y con tu permiso quisiera traducirlos para hacerlos conocer a otros que por miedo a perder sus trabajos no dicen nada y se mantienen en el silencio torturante y carcelario....

Hermano querido, gracias por la labor que realizan. Un abrazo fraterno

Iván Uriona
ivanhur49@gmail.com

Gilberto, agradeço o material do Jornal Rumos 249.

Aproveito para lhe pedir para inserir na sua lista de correio-eletrônico o endereço etel392013@gmail.com. Trata-se da minha esposa. Sempre compartilho com ela, mas se já receber direto, melhor.

Atenciosamente,
Daniel Higino

Boa tarde Sr. Gilberto. Como vai Vossa Graça? Espero que estejam bem mesmo. Quero agradecer pelo envio do jornal Rumos regular e gratuitamente. O Sr. sabe que é pouco provável o fim do celibato simplesmente por não ser hedonista a doutrina, ou seja, o sexo é principalmente procriatizante. Enviarei essa semana maiores detalhes das minhas propostas. Convertamo-nos enquanto é tempo.

Jose Coutinho de Oliveira
jocodeol@gmail.com

Caro Editor, parabéns pela edição do Jornal Rumos. Está muito bom de forma e conteúdo: equilibrado e respeitoso.

Se tudo correr bem, talvez possa enviar um artigo sobre "Trump e Hitler: diferenças e semelhanças". Isto se vocês concordarem.

Um abraço fraterno.

Darcy Cordeiro
darcy@terra.com.br

Gilberto, estou acabando de ler a última edição de nosso RUMOS. É chover no molhado lhe dizer que ficou ótimo. Ficou excelente do jeito que só você sabe fazer. Parabéns! Obrigado por enviá-lo pra gente com tanta presteza.

Essa edição deveria ter focado mais o XXI Encontro do MFPC, que aconteceu em Brasília, no mês de Janeiro/2017. Eu, particularmente, na véspera, tive ocasião de externar para o João Tavares minhas apreensões a respeito do que eu esperava. Me surpreendi, porque o Encontro foi muito bem organizado pela Equipe de Brasília e a convivência com os irmãos e "cunhadas" no Centro de Convenções D. Bosco, foi como uma subida ao "Tabor", ao lado do Lago Paranoá. Os temas apresentados pelo Salatiel e Eduardo Hoornaert foram muito oportunos. Acho, contudo, que minhas preensões se confirmaram, pois, evidenciou-se que nosso Movimento, dentro da Igreja, se encontra numa encruzilhada fatídica: ou nos renovamos ou estamos fadados ao desaparecimento. É indispensável que os padres que deixaram e deixam o sacerdócio e se casam, estejam, de fato, felizes e convencidos de que ao deixar o Clero, continuam, no mínimo, cristãos mais preparados, e que podem (se quiserem), ser muito úteis à Igreja, como Povo de Deus. Assim o MFPC viverá.

José Lino de Araújo
joselinodearaujo@gmail.com

Padrinho, primeiramente receba nossos cumprimentos por haveres assumido publicamente o compromisso de seguir, ao menos pelo próximo meio lustro, à frente da edição do Jornal Rumos!

Neste veículo de comunicação temos obtido tantas informações curiosas que nos aculturam periodicamente. Tenho no periódico Rumos fonte única de leitura sobre vivência cristã, com foco na postura da Igreja de Roma nos temas como celibato e a participação da mulher na Igreja.

Padrinho, somos gratos por organizar e compartilhar tantas belas matérias. Queremos que este seu trabalho continue frutificando e acrescentando satisfação ao universo dos leitores.

George A. Rohrbacher
Adv_george@yahoo.com.br

Chega de privilégios ao "celibato"... "o que se tira de anjo, termina em besta" Assim afirmou o Blaise Pascal. E os milhares de pedófilos clericais confirmam. A família é a base da mesma igreja de Cristo... Não o celibato... Este também entra dentro da igreja, desde que seja voluntário, e não como condição exclusiva para o sacerdócio... e a mulher não pode ser excluída do Ministério Sacerdotal... Porque Jesus não excluiu...

Padre José Amado Aguirre
padreaguirre@coop.oliva.com.ar



FRANCISCO OU MUDA DE ESTRATÉGIA OU CORRE O RISCO DE ISOLAMENTO

O caso Collins bate à porta do quinto ano de pontificado. Arquivar o episódio para não perturbar a imagem de Francisco-super-homem impede de ver a luta que está ocorrendo dentro da Igreja Católica para impedir ou, pelo menos, retardar o curso reformador do pontífice argentino.

Para Francisco, já com seus 80 anos, começou o segundo tempo do jogo (para usar um termo futebolístico), e o confronto no campo se torna cada vez mais duro. A renúncia da católica irlandesa Marie Collins – que se retirou da comissão vaticana para a proteção dos menores contra os abusos depois da atitude de sabotagem da Congregação para a Doutrina da Fé – demonstra que até os opositores da linha reformista de Bergoglio são capazes de fazer um gol.

A retirada de Collins, católica fiel à Igreja e não contestadora, vítima quando adolescente de um padre, lança uma sombra sobre o restante do caminho das reformas de Francisco nesta fase final. “É devastador – declarou a mulher ao National Catholic Reporter – ver que, em 2017, esses homens [da Cúria] ainda são capazes de dar preferência a outras preocupações em vez da proteção dos menores e dos adultos vulneráveis”.

Por ocasião do quarto aniversário da eleição de Francisco, continua sendo muito alto o consenso de que ele continua desfrutando na opinião pública internacional – católica ou não – em reconhecimento da sua personalidade de líder religioso e geopolítico, da sua mensagem e das mudanças já introduzidas no corpo da Igreja Católica (reformas da organização curial, maior colegialidade,

limpeza no banco vaticano, descentralização das causas de nulidade dos matrimônios religiosos, normas mais duras contra a pedofilia e regras para a remoção dos bispos culpados de encobrimento, abertura da discussão sobre o diaconato feminino e sobre os padres casados, abandono da obsessão clerical sobre temas como pílula, divórcio, homossexualidade, coabitação).

Mas o panorama não está completo se não se levar em conta a “guerra civil” em curso na Igreja Católica, um conflito que já explodiu abertamente e que, nos bastidores, é ainda mais duro, por ser uma “guerra de convicções”. Articulada sobre a interpretação do papel da Igreja na sociedade contemporânea, sobre a radical diversidade de visão sobre Doutrina e Pastoral, Tradição e Discernimento das situações concretas.

Não é uma pequena guerra de poder entre “bons” e “maus”. É, de fato, uma guerra ideológica em que cada frente (como sempre acontece) sente que tem, do seu lado, motivações laterais e históricas.

Depois do ataque aberto dos quatro cardeais à postura misericordiosa de Francisco sobre os divorciados em segunda união, depois da derrota no Sínodo da linha reformista daqueles bispos que queriam um reconhecimento aberto da possibilidade de dar a comunhão também aos divorciados recasados e uma avaliação positiva dos casais homossexuais, depois da deslegitimação pública e zombeteira de Francisco através da afixação de cartazes e a divulgação de um falso L'Osservatore



Romano manipulando frases do papa, o caso Collins trouxe à tona uma história ainda mais grave. O fato de a Congregação para a Doutrina da Fé, presidida pelo cardeal Müller, ter conseguido bloquear e anular a instituição de um tribunal vaticano, que devia se ocupar (a partir da denúncia das vítimas) daqueles bispos que tivessem se demonstrado negligentes. Um tribunal anunciado oficialmente em junho de 2015.

Descobrir, no aniversário da eleição papal, que um fronte interno da Cúria foi tão forte a ponto de impor um veto a uma iniciativa, decidida por Francisco, em nome da tolerância zero para os abusos é um evento inédito, que levanta sérias interrogações sobre as relações de força dentro da Igreja. E levanta a pergunta sobre quanta força o papa tem para ancorar ainda mais as suas reformas (com o risco de que um sucessor

apague o ímpeto reformista).

Muitos defensores de Bergoglio não escondem a sua preocupação e se perguntam se ele vai mostrar a mesma energia inflexível que demonstrou ao romper a oposição dentro da Ordem de Malta. O desafio que se coloca diante de Francisco no início do quinto ano de pontificado, na presença do crescimento da oposição interna, é grande: o papa argentino continuará apondo principalmente para o seu testemunho pessoal, confiando no processo de transformação da Igreja em tempos longos, ou dará início a uma “nova fase” através de um fortalecimento organizacional da sua linha?

Vários de seus aliados, falando reservadamente, esperam que Francisco, neste segundo tempo do pontificado, reorganize a cúpula da Cúria, construindo uma equipe coerentemente reformado-

ra, como aconteceu com Paulo VI depois do Concílio Vaticano II. Ao mesmo tempo, vários de seus aliados desejam que muitas das orientações indicadas por Francisco nos seus discursos se tornem instruções precisas dirigidas aos párocos e bispos, “executive orders”, para dizer à americana, para eliminar incertezas no caminho a ser percorrido.

Até agora, Francisco seguiu a tendência de não dar importância aos opositores, dizendo que dorme “sonos tranquilos”. Mas essa estratégia do silêncio, que visa a não dar evidência às divisões presentes na Igreja (não só na Cúria), realmente encoraja a timidez também dos bispos e dos cardeais que o apoiam. Com o resultado de deixar em cena apenas o jogo: papa versus adversários. Um espetáculo que não é reconfortante.

Marco Politi

CONCENTRAÇÃO DE RENDA

Oito pessoas no planeta possuem tanta riqueza quanto a metade mais pobre da população mundial. Essa situação alarmante de concentração de renda, que “exacerba as desigualdades” foi denunciada pela ONG britânica Oxfam em um relatório publicado antes do Fórum Econômico Mundial, realizado em janeiro, na cidade de Davos. A lista dos mais ricos vem encabeçada por Bill Gates, fundador da Microsoft, com uma fortuna estimada em US\$ 75 bilhões. Na sequência aparecem: Amanlio Ortega, Warren Buffett, Carlos Slim Helu, Jeff Bezos, Mark Zuckerberg, Larry Ellison e Michael Bloomberg.

“É indecente que tanta riqueza esteja concentrada nas mãos de uma minoria tão pequena, quando se sabe que uma em cada dez pessoas no mundo vive com menos de US\$ 2”, afirmou Manon Aubry, porta-voz da Oxfam.

O relatório, intitulado “Uma econo-



mia a serviço dos 99%”, revela “como as grandes empresas e os indivíduos mais ricos exacerbam as desigualdades, ao explorar um sistema econômico desfalcente, sonegando impostos, reduzindo

salários e aumentando os rendimentos para os acionistas”.

A Oxfam, que tradicionalmente denuncia as crescentes desigualdades por ocasião do Fórum de Davos, adverte neste ano so-

bre “a pressão exercida sobre os salários em todo o mundo”, assim como os benefícios fiscais das empresas ou o recurso para paraísos fiscais.

“As empresas otimizam seus lucros, especialmente aliviando o máximo possível sua carga fiscal, privando os Estados de recursos essenciais para financiar as políticas e os serviços necessários para diminuir as desigualdades”, destaca o documento.

A ONG, que se baseia em “novas informações mais precisas sobre a divisão da riqueza no mundo”, convoca os governos a reagir promovendo uma economia mais humana.

“Quando as autoridades políticas deixarem de estar obcecadas pelo PIB, se concentrarem no interesse de todos os cidadãos e não apenas de uma elite, será possível um futuro melhor para todas e todos”, afirma Aubry.

ONG Oxfam

KASPER AFIRMA QUE A ORDENAÇÃO DE HOMENS CASADOS JÁ DEPENDE DAS CONFERÊNCIAS EPISCOPAIS



Ele garante que o Papa irá responder favoravelmente aos pedidos dos episcopados

As propostas para ordenar como sacerdotes homens casados – os viri probati – e admitir aos sacramentos pessoas recasadas vão ganhando cada vez mais força. E só depende das Conferências Episcopais que sejam postas em andamento, segundo o cardeal Walter Kasper.

“Temos de considerar se os viri probati são uma oportunidade” – disse o papa numa entrevista recente com o Die Zeit, referindo-se a certos homens, geralmente casados – e de vida cristã madura e comprovada, com uma ampla experiência em paróquias – podem ter vocação ao sacerdócio.

A falta de vocações de homens que querem viver uma vida celibatária – acrescentou o pontífice nessa mesma ocasião –

é “um problema enorme” e, como tal, “a Igreja tem de solucioná-lo”. A Igreja tem sempre de “reconhecer o momento certo em que o Espírito Santo pede alguma coisa” – refletiu o Papa naquele momento.

Para o cardeal Kasper, este alarme de Francisco demonstra que há uma “necessidade imperiosa de ação”. Em conversa com katholisch.de, a página oficial dos bispos alemães, o presidente emérito do Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos considera que um debate sobre a possibilidade de ordenar estes homens casados é de uma “necessidade vital”. “Não podemos continuar à maneira de sempre”, disse ele, aludindo ao fato de que na Alemanha existem atualmente apenas 40 seminaristas em todo o país

Cameron Doody

ANOSOGNOSIA



Que alívio ter conhecimento disto! Há tempos eu andava preocupado por que:

1. Não me recordava dos nomes próximos;
2. Não me recordava onde deixava algumas coisas;
3. Quando estou conversando e tenho o pensamento interrompido, tenho dificuldades de continuar com a conversa no ponto em que a tinha deixado;

Enfim, pensava que tinha um inimigo dentro da minha cabeça, cujo nome começa por Alz...

Hoje li um artigo que me deixou bem mais tranquilo, por isso, transcrevo a parte mais interessante:

“Se tu tens consciência dos teus problemas de memória, então é porque ainda não tens problemas”.

Existe um termo médico que se chama ANOSOGNOSIA, que é a situação em que tu não te recordas temporariamente de algu-

ma coisa. Metade dos maiores de 50 anos, apresentam algumas falhas deste tipo, mas é mais um fato relacionado com a idade do que com a doença propriamente dita.

Queixar-se de falhas de memória é uma situação muito comum em pessoas com 50 ou mais anos de idade.

Traduz-se por não recordar um nome próprio, entrar num cômodo da casa e esquecer-se do que ia fazer lá ou buscar, esquecer o título de um filme, ator, canção, não se lembrar onde deixou os óculos, etc.

Muitas pessoas preocupam-se, muitas vezes em excesso, por este tipo de esquecimento. Daí, uma informação importante:

“Quem tem consciência de ter este tipo de esquecimento, não tem problema sério de memória”. Todos que padecem de doença de memória, com o inevitável fantasma do Alzheimer, são aqueles que NÃO têm consciência do que efetivamente se passa.

Sociedade Brasileira de Diabetes

O SEGREDO DA ISLÂNDIA PARA FAZER COM QUE SEUS JOVENS DEIXASSEM DE BEBER E FUMAR

País era um dos líderes europeu em incidência de consumo de álcool, tabaco e maconha entre os jovens no final dos anos 90, mas em menos de duas décadas se converteu em modelo a ser seguido.

As razões do êxito islandês estão no programa Youth in Iceland (Juventude na Islândia), iniciado em 1998, cujo pilar está na pesquisa contínua dos hábitos e preocupações dos adolescentes.

“Se você fosse o diretor de uma empresa farmacêutica, você não lançaria um novo analgésico no mercado sem fazer uma pesquisa prévia”, disse à BBC Mundo, o serviço em espanhol da BBC, Jón Sigfusson, diretor do Centro Islandês para a Pesquisa e Análise Social, responsável pelo Youth in Iceland.

“É o mesmo com qualquer setor, desde a agricultura à infraestrutura. Por que não seria assim quando se trata de jovens?”, pergunta, retoricamente.

“Muitas vezes se atua em fun-



ção apenas de impressões. E isso é muito perigoso. É preciso ter informações que sejam confiáveis e, a partir disso, podem ser tomadas decisões”, explica Sigfusson.

Ele explica que o programa mapeia, por meio de questionários aplicados a cada dois anos, adolescentes de todas as escolas do país.

Entre outras variáveis, são coletados dados sobre padrões

de consumo, características das famílias, evasão escolar e problemas emocionais dos jovens

Com esses elementos, são elaborados informes específicos para cada distrito e escola.

“Fazemos a coleta de dados e, dois meses depois, as escolas recebem os resultados novos”, destaca o responsável pelo programa

“Os responsáveis não são as crianças, e sim nós, adultos. De-

vemos criar um entorno onde eles fiquem bem e tenham a opção de preencher seu tempo com atividades positivas. Isso diminui a probabilidade de eles consumirem substâncias maléficas”, afirma.

Os estudos mostraram que a maior participação em atividades extracurriculares e o aumento do tempo passado com os pais diminuem o risco de se consumir álcool e outras substâncias.

Por isso, a Islândia aumentou os recursos destinados à oferta de atividades para adolescentes, como esportes, música, teatro e dança.

E desde 2002 foi proibido que, salvo exceções, as crianças menores de 12 anos e adolescentes de 13 a 16 anos andem sozinhos na rua depois das 20h e das 22h, respectivamente.

Os resultados obtidos pela Islândia levaram à criação, em 2006, do programa Youth in Europe (Juventude na Europa), cujo objetivo é expandir a metodologia do país nórdico a outras localida-

des do continente.

Em apenas dez anos, mais de 30 municípios europeus adotaram o projeto.

“Nunca trabalhamos com países inteiros porque, por um lado, é muito difícil ter o apoio do governo nacional. E, sobretudo, porque este é um trabalho que deve ser desenvolvido a nível local”, afirma Sigfusson, que também dirige o projeto europeu.

Todas as cidades participantes conduzem os mesmos questionários. Assim elas têm uma ideia dos hábitos dos adolescentes e dos fatores de risco e proteção em cada lugar.

“Essa metodologia é participativa, comunitária e se faz de baixo para cima, baseada em evidências científicas. É o que nós tentamos imitar do modelo da Islândia”, aponta Patricia-Ros, diretora do Serviço de Prevenção de Vício da Prefeitura de Terragona, que participa desde 2015 do Youth in Europe.

IHU



CHEGOU A HORA DOS PADRES CASADOS

Chegou a hora de os bispos pararem de esperar por um aumento nas vocações sacerdotais celibatárias e reconhecer que a Igreja necessita de padres casados para servir ao Povo de Deus. Não se pode ter uma Igreja Católica sacramentalmente necessária para a Eucaristia, a Confissão e Unção. Na Santa Ceia, Jesus disse: "Façam isto em memória de mim" e não: "tenham um sacerdócio celibatário". A necessidade eucarística excede a necessidade do sacerdócio celibatário.

Por pelo menos 50 anos, a Igreja Católica nos EUA tem visto uma queda no número dos padres. Segundo relatórios do Centro de Pesquisa Aplicada para o Apostolado - CARA, na sigla em inglês, em 1970 havia 59.192 padres nos EUA; em 2016, havia somente 37.192. Enquanto isso, o número de fiéis aumentou de 51 milhões para 74,2 milhões.

Isto significa que a proporção pessoas/padre cresceu de 861 católicos para cada sacerdote em 1970 para 1.995, em 2016. Estes números incluem todos os padres, religiosos e diocesanos, junto dos que já estão aposentados. Quando morrerem os padres que hoje estão acima dos 65 anos, estes números vão piorar ainda mais.

Em muitas regiões dos EUA já vemos o impacto do número declinante de padres. Paróquias estão se fundindo enquanto outras fecham as portas. Poucas paróquias têm mais de um padre. Padres africanos e asiáticos tornaram-se missionários nos EUA. Em zonas rurais, os padres dirigem centenas de quilômetros nos fins de semana visitando paróquias em municípios pequenos que não contam mais com um padre residente. Algumas paróquias rurais veem um padre uma vez por mês. O núme-



ro de paróquias sem padre aumentou de 571 em 1970 para 3.499 em 2016.

Este problema não acontece só nos EUA; na verdade, ele é mais grave em outros lugares. Em 2014, havia 414.313 padres para 1,2 bilhão de católicos no mundo, numa proporção de fiéis/padre na casa dos 2,896 por um.

Na América Latina, por motivos históricos, existe uma escassez de padres há mais de 100 anos. Eis um dos motivos por que os evangélicos pentecostais vêm tendo sucesso na região. Se não há padre algum na cidade, as pessoas vão aonde houver uma celebração.

A África e a Ásia são apontadas como lugares onde as vocações são abundantes, mas mesmo nessas regiões não há padres o suficiente. E as vocações já estão começando a declinar em alguns lugares destes continentes.

Por que as vocações estão em declínio? Há várias teorias. Os conservadores tendem a culpar a cultura secular e a geração atual de jovens que são vistos como consumidores autocentrados, pessoas que carecem de disciplina e espírito de auto sacrifício necessários para ser um padre. Os sociólogos apontam para as mudanças demográficas.

As famílias são menores. Numa família grande, os pais apoiam a ideia de um dos filhos retornar padre, mas se só tiverem um ou dois, preferirão netos a sacerdotes. O acesso universal à educação também faz a diferença.

Historicamente, tornar-se padre era uma das poucas maneiras de conseguir estudar, especialmente uma criança que não vinha de família rica. O padre era frequentemente a pessoa com maior formação na comunidade, o qual lhe dava um status adicional. Hoje, a formação está mais prontamente disponível. O padre não possui o status que teve no passado.

Em suma, muitas vocações no passado vieram de famílias grandes onde o padre era o primeiro membro delas a conseguir entrar para a faculdade onde a família vivia numa comunidade em que o pároco era figura respeitada.

Na medida em que este mundo desaparece, o mesmo ocorre com as vocações. Mesmo em partes da Índia, onde os católicos têm formação, pertencem à classe média e estão tendo menos filhos, já vemos um declínio nas vocações. Nada indica que o mesmo não continuará acontecendo na África e na Ásia quando os católicos se tornarem mais

prósperos. Têm havido igualmente mudanças na própria Igreja e que afetaram as vocações.

O Concílio Vaticano II enfatizou o papel dos leigos e a importância do matrimônio como caminho à santidade. O sacerdócio e a vida religiosa foram tirados de seus pedestais. Além disso, após o Concílio, muitos ministérios que antes eram abertos somente para padres tornaram-se possíveis aos leigos.

Existem agora teólogos leigos, agentes pastorais, diretores espirituais, professores, assim como leigos trabalhando em chancelarias e organizações caritativas católicas.

Tecnicamente, um leigo pode fazer quase tudo que um padre faz - exceto presidir a Eucaristia, ouvir confissões e ungir os enfermos. Os que se sentem chamados a servir a Igreja viram que poderiam se casar e fazer muitas coisas sem serem padres.

O sociólogo americano Dean Hoge pesquisou os jovens que trabalhavam na pastoral universitária e descobriu que um número significativo deles se interessava em ser padre caso pudesse se casar. Na verdade, alguns sustentam que não houve um declínio nas vocações; o que acontece é que os bispos

cebispo, Jorge Bergoglio levantou a questão dos padres casados na Igreja. No Capítulo de seu livro "Sobre o céu e a terra", ele reconheceu que há padres casados na Igreja Católica de tradições orientais (bizantina, ucraniana e grega), e notou que eles eram bons sacerdotes.

A Igreja Católica de Roma, ou ocidental, tem a regra do celibato, mas as igrejas católicas orientais, que estão em união com Roma, sempre tiveram padres casados. Nos Estados Unidos, nós também temos padres anglicanos e luteranos que estão casados e trabalham como padres na Igreja Católica.

Durante os primeiros mil anos de sua existência, a Igreja contou com clérigos casados. Nos últimos mil anos, estamos tendo a regra do celibato. Esta nem sempre é bem observada.

Bergoglio via a prática dos padres que não viviam plenamente o compromisso assumido. Se um padre gerasse um filho, Bergoglio falou que o padre deve sair [da Igreja] porque o direito de a criança ter um pai era maior do que a obrigação de um homem permanecer no sacerdócio.

Creio que Francisco seja a favor do celibato opcional, porém ele não vai de repente

anunciar da Praça de São Pedro que a Igreja terá padres casados a partir da semana que vem. Não é assim que ele faz as coisas. O papa acredita numa Igreja que trabalha de forma colegiada, onde as decisões são tomadas por ele juntamente com o Colégio Cardinalício.

Se o Povo de Deus quer padres casados, ele precisa pressionar os bispos. O papa está esperando que os bispos peçam. As pessoas precisam pressionar os seus bispos.

Thomas Reese

SALÁRIO DE UM DEPUTADO FEDERAL

O deputado Federal Tiririca desabafa:

Salário: 26.700,00
Verba Gabinete: 94.300,00
Auxílio Paletó: 53.400,00
Combustível: 5.000,00
Auxílio Moradia: 22.000,00
Passagens Aéreas: 59.000,00
Auxílio Saúde: ilimitado

Auxílio Educação: 12.100,00
Auxílio Alimentação: 16.400,00
Auxílio Cultural: 13.400,00
Auxílio Dentista: ilimitado
Auxílio Farmácia: ilimitado

Será que o problema do Brasil são os aposentados?!

Somando esses "pequenos" gas-

tos, um deputado custa por mês R\$ 302.300, sem contar os gastos ilimitados em: saúde, dentista e farmácia. É mole?

Queremos uma nova Constituição que dê ao País uma nova ordem política.

Tiririca





A CREDIBILIDADE DAS APARIÇÕES PODE TORNAR-SE CAMPO DE BATALHA PARA OS OPOSITORES DO PONTÍFICE

“As aparições de Nossa Senhora em Medjugorje não são autênticas porque Nossa Senhora nunca apareceu ali”. Essa avaliação seca e constrangedora para todo o empreendimento que se desenvolveu em torno das alegadas aparições de 1982 até hoje, não é de uma pessoa qualquer, mas do bispo de Mostar, a diocese onde se localiza a pequena aldeia de Medjugorje.

Não é coincidência que a decisão do Papa de enviar o Arcebispo Hosier de Varsóvia como enviado especial para a verificação pastoral das alegadas aparições, pode ser entendida como mais um passo de cautela antes de revelar oficialmente o seu pensamento, que todos agora entendem como palavra de equilíbrio capaz de consertar a brecha causada pelo caso entre católicos no mundo todo.

As declarações solenes do Bispo diocesano, que com toda a probabilidade foram certamente consideradas no relatório da última comissão presidida pelo Cardeal Ruini sobre as alegadas aparições, reproduzem na sua quase totalidade as do bispo PavaoZanic, que dirigiu a diocese de Mostar no início das alegadas aparições. Foi ele que nomeou a primeira comissão diocesana para uma avaliação da veracidade das aparições. Mas poucos se lembram que, inicialmente, Zanic não desqualificou completamente as aparições. Suas duras críticas só aconteceram



algum tempo depois.

A Comissão diocesana formada por 15 especialistas de várias disciplinas concluiu o trabalho três anos após a sua nomeação. Foi seguida em 1987 por uma comissão criada pela Conferência Episcopal da Iugoslávia [na época ainda existia a Iugoslávia]. A Comissão Nacional, ao contrário daquela diocesana, optou por uma posição de espera: até o momento não foi confirmado o caráter sobrenatural das aparições. Isso evidentemente

permitiria uma posterior mudança de opinião. Até aquele momento, a decisão foi de que as aparições não eram verdadeiras e que, portanto, deveriam cessar as peregrinações. Também a Congregação para a Doutrina da Fé, já em 1985, pediu aos bispos italianos para desestimular a organização de peregrinações. Mas todas essas vozes qualificadas foram ignoradas.

O atual Bispo Peric de Mostar foi até 1992 bispo coadjutor de Mostar e no ano seguinte bispo ordinário na sucessão de

Zanic. Por isso conhece perfeitamente a evolução da situação. No site da diocese, Peric escreve entre outras coisas que ele identificou com seu antecessor, “a não autenticidade das aparições, que até agora atingiram a cifra de 47.000. Essa Cúria sempre tentou informar a Santa Sé, especialmente os Sumos Pontífices São João Paulo II, Bento XVI e Francisco”. Em sua opinião, “a figura feminina que teria aparecido em Medjugorje comporta-se de forma bastante diferente da verdadeira Nossa Senhora; desaparece após determinadas perguntas e depois retorna; obedece aos videntes e ao pároco que a fazem descer do monte até a igreja mesmo contra sua vontade. Não dá certeza de quanto tempo irá aparecer; permite que alguns presentes pisem o seu véu apoiado no chão, que toquem as suas vestes e o seu corpo. Essa não é a Nossa Senhora do Evangelho”.

O bispo de Mostar talvez queira construir de antemão uma opinião fundamentada para influenciar o enviado do Papa, que poderia dar o sinal verde reportando-se aos primeiros dias das aparições, salvando seu valor espiritual e talvez criticando muito do que aconteceu depois? Certamente a expectativa de intervenção de Francisco torna-se realmente interessante e nos bastidores está sendo travado um embate extremamente complexo.

Carlo Di Cicco

47% DOS EMPREGOS VÃO DESAPARECER NOS PRÓXIMOS 25 ANOS

Em vez de um futuro de crescimento pró-emprego, economistas de todo o mundo preveem novas perdas com o advento da IA, da robótica e outras tecnologias. O que está em debate é a rapidez com que isto deve ocorrer.

Todos os países desenvolvidos do planeta verão taxas de desemprego de até 47% nos próximos 25 anos, de acordo com um estudo recente da Universidade de Oxford. A perda inclui empregos de operários e de colarinhos brancos.

Para ser claro, a mecanização sempre nos custou empregos. O tear mecânico, por exemplo, tirou tecelões do mercado. Mas também criou empregos. Mecânicos tinham de manter as máquinas funcionando, maquinistas tinham de produzir suas peças e os trabalhadores tinham de operá-las, e assim por diante. Muitas vezes pessoas de uma profissão podiam migrar para outra. No início do século XX, por exemplo, os automóveis estavam tirando ferreiros do mercado. Quem ainda precisava de ferraduras? Mas eles logo se tornaram mecânicos.

Não é assim com esta nova tendência. O desemprego hoje é significativo na maioria dos países desenvolvidos e só vai piorar. Até 2034, há apenas algumas décadas, empregos de nível médio estarão em grande parte obsoletos. Até agora, só o 1% mais rico teve benefícios. Esta revolução tecnológica deverá eliminar o que parece ser toda a classe média. Não somente os computadores serão capazes de executar tarefas de forma mais barata do que as pessoas,

mas também serão mais eficientes.

Contadores, médicos, advogados, professores, burocratas e analistas financeiros, cuidado: seus empregos não estão garantidos. De acordo com o The Economist, computadores serão capazes de analisar e comparar dados e tomar decisões financeiras ou médicas. Haverá menos chance de fraude ou de erros de diagnóstico e o processo será mais eficiente. Não apenas estas pessoas terão dificuldades, como esta tendência poderá congelar os salários dos que continuarem empregados, enquanto as diferenças de renda só aumentarão. É possível imaginar o que isso vai causar à política e à estabilidade social.

A mecanização e a informatização não têm como parar. Não se pode colocar o gênio de volta na garrafa. E todos devem acabar tendo-o no final. A ideia é esta: outros países usariam essas tecnologias para obter uma vantagem competitiva e, portanto, teríamos de adotá-las. Novos startups de tecnologia e outros negócios podem acabar absorvendo aqueles que estão deslocados. Mas o ritmo certamente deve ser muito lento para evitar uma grande catástrofe.

De acordo com Bilger, o problema já se arrasta por bastante tempo. Basta considerar a longevidade de que desfrutamos hoje em dia e o sistema de ensino falido dos EUA e o problema está lá. Uma solução proposta é a distribuição de uma renda básica universal pelo governo, uma espécie de base recebida para a sobrevivência. Depois disso, os programas



de reeducação podem ajudar as pessoas a buscar novos rumos. Outros começariam empresas ou participariam de negócios criativos. Poderia até ser um período de florescimento da humanidade, quando, em vez de perseguir o todo-poderoso dinheiro, as pessoas seriam capazes de buscar as suas verdadeiras paixões.

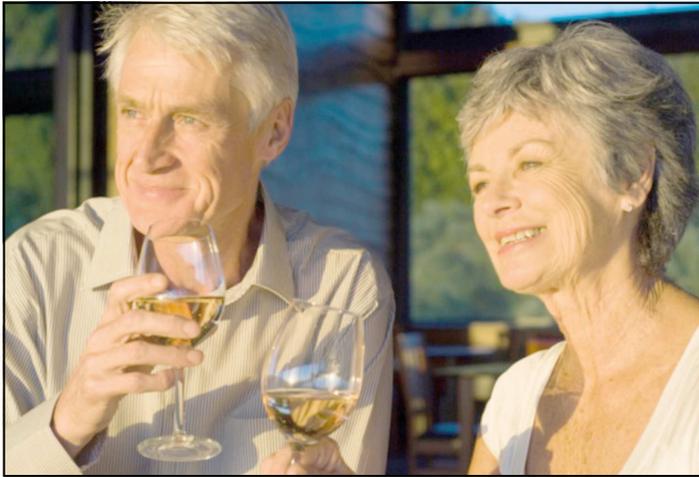
Em um recente programa de rádio, Bilger falou sobre reequipar o sistema de ensino em sua totalidade, inclusive adicionando aulas que certamente se traduzam nas habilidades profissionais necessárias para os trabalhos disponíveis. Ele também discutiu a necessidade de treinar os trabalhadores de meia-idade, para que possam participar da economia, em vez de serem deixados para trás. Bilger disse que “estão

sendo desenvolvidos projetos para isso”. Apesar de admitir que muitos trabalhadores de meia-idade resistem a retornar à sala de aula, o que é necessário, segundo Bilger. Além do mais, eles estão procurando formas de tornar a experiência de sala de aula mais dinâmica, como o uso de realidade aumentada para fins de reciclagem, bem como a reinvenção da educação infantil. Mas esses planos ainda estão em fase inicial.

Amplios estágios e programas de aprendizagem também estão em pauta. Hoje, o problema, como afirmam alguns, não é a falta de empregos suficientes, mas a falta de trabalhadores qualificados para preencher as vagas disponíveis. Bilger parece pensar que este problema só vai se agravar.

Philip Perry

IDOSOS QUE INGEREM ÁLCOOL



Um novo estudo divulgado pelo Instituto Central de Saúde Mental de Mannheim, na Alemanha, revelou que idosos que continuam a desfrutar da bebida alcoólica são menos propensos a desenvolver demência e Alzheimer. Isto se deve ao fato de que a pulsação acelerada e de mais intensidade tanto remove melhor o lixo neural quanto envia mais células tronco das medulas ósseas para o cérebro e para todos os órgãos vitais.

Segundo o jornal britânico Daily Mail, pesquisadores descobriram que idosos que bebem uma quantidade moderada de álcool possuem 30% menos probabilidade de desenvolver demência e 40% menos chances de sofrer de Alzheimer do que aqueles que não consomem esse tipo de bebida. Os cientistas pesquisaram idosos com 75 anos, ou mais, que gostam de beber uma

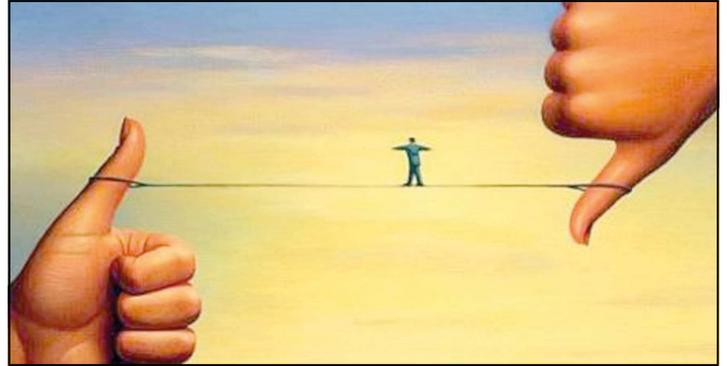
cerveja por dia ou um copo de vinho.

A equipe do instituto estudou mais de 3.000 pessoas nessa idade e elas estavam livres de demência no começo do estudo. Os pacientes foram examinados duas vezes a cada 18 meses. De acordo com um dos professores responsáveis pela pesquisa, Siegfried Weyerer, 217 idosos apresentaram sintomas de demência no decorrer do estudo. Aqueles que consumiam álcool tinham cerca de 30% menos de demência e 40% menos de Alzheimer do que os idosos que não consumiam nada.

Nos últimos 31 anos, a associação entre o consumo moderado de álcool e a função cognitiva foi investigada em 71 estudos envolvendo 153.856 homens e mulheres de vários locais com diferentes padrões de consumo.

www.club33.com.br

VOCÊ É OTIMISTA OU PESSIMISTA?



“Um pessimista vê dificuldades em cada oportunidade. Um otimista vê oportunidades em cada dificuldade”.

Se você não está vendo nenhuma dessas duas opções, provavelmente é porque está com dificuldade de enxergar sua própria vida; portanto, você cairá na alternativa de estar pessimista.

Mas esta mesma dificuldade pode ser vista de maneira oposta.

E o que diferencia uma coisa da outra?

Na verdade, a única diferença entre uma oportunidade e uma dificuldade é o próprio observador.

É você - ou sou eu.

Na minha vida, enxergo oportunidades e dificuldades. Na sua vida, você faz o mesmo.

Se você observar minha vida, é possível que olhe para as mesmas situações que vivo e veja apenas oportunidades, ou apenas dificuldades.

Pode ser, também, que você observe minhas dificuldades, mas as considere oportunidades; depois observe minhas oportunidades e as considere dificuldades.

Não há regra.

Portanto, você e eu podemos discordar totalmente quanto ao que sejam oportunidades e dificuldades, mesmo que a situação e as pessoas envolvidas sejam exatamente as mesmas.

Mas, eu posso observar sua vida e enxergar oportunidades em todas as coisas nas quais você só consegue ver dificuldades – ou posso também, ver dificuldades exatamente nos locais em que você enxerga oportunidades.

Sabe o que significa isso?

Significa que oportunidades e dificuldades não têm existência real.

São apenas dois nomes diferentes que damos para a mesmíssima coisa, dependendo do que nós achamos de certa situação e das ferramentas internas, dos conhecimentos, dos paradigmas e das emoções que aquela situação nos causa.

Criamos oportunidades e ficamos ricos. Criamos dificuldades e ficamos pobres.

Criamos oportunidades e somos felizes. Criamos dificuldades e ficamos infelizes.

Aldo Novak

CIDADES DO FUTURO EM CONSTRUÇÃO

Para o indiano Yeswant Abhimanyu, de 27 anos, especialista em cidades inteligentes, as gerações mais jovens já estão empregando alguns conceitos da metrópole do futuro, com menos carros e mais transporte compartilhado, e essa nova forma de planejamento urbano tem gerado uma série de oportunidades de negócios – desde o uso cada vez maior de aplicativos de transporte à volta do mercadinho de bairro.

Eis a entrevista.

O conceito de cidades inteligentes e com mais mobilidade está deixando de ser algo distante?

Se olharmos para São Paulo, por exemplo, onde moro há cerca de quatro anos, as mudanças são enormes. Há mais avanços em alternativas de mobilidade, mais investimentos em infraestrutura. Hoje, discute-se a melhor forma de construção de ciclovias, uso de carros compartilhados. Tudo isso é novo, mas está acontecendo.

Mas essas modificações, como a ampliação de ciclovias, ainda



enfrentam resistência...

De certa forma, mas eu não chamaria de resistência. Acredito que essas reações negativas são parte do desafio de se renovar o espaço urbano. Estamos falando de uma mudança cultural – e modificações culturais nunca são tão simples.

Esse conceito também vai trazer oportunidades de negócios?

Já está trazendo. Há oportunidades em energia, em mobilidade, em infraestrutura, saúde, educa-

ção. A tendência é que as cidades vejam o morador como um consumidor. Há exemplos, como o Porto Maravilha, no Rio de Janeiro, em que o espaço urbano é modificado para que o cidadão possa tirar melhor proveito dele, com comércio, transporte, espaços culturais. Em São Paulo, podemos perceber fenômenos espontâneos, como a volta dos mercadinhos de bairro, mesmo sob a bandeira de grandes redes, em áreas bem urbanizadas ou o sucesso de aplicativos como

o Uber. Esses são exemplos concretos do quanto o mercado pode se beneficiar quando entende as novas demandas do consumidor.

Há uma nova geração que parece se preocupar menos em ter carros do que em viver em locais com opções de transporte compartilhado. Ela irá acelerar a mudança do conceito de cidade?

A questão é que essa nova geração, e esse é um fenômeno global, é mais aberta a utilizar os recursos que a cidade tem a oferecer. Ela quer melhorias no transporte público, poder deixar o carro em casa durante a semana e usar o transporte coletivo ou aplicativos. De muitas formas, as cidades do futuro já estão em construção. Os jovens estão bem próximos desses conceitos, querem ser parte da solução e não contribuir para o agravamento dos problemas urbanos. Paralelamente, assistimos em todo o mundo, inclusive no Brasil, ao envelhecimento gradativo da população. Vai ser preciso haver uma mudança em como as cidades serão desenha-

das para seus moradores.

A busca por cidades mais integradas à tecnologia já tem afetado os lançamentos do mercado?

Sim, sem dúvida. O impacto dessa nova maneira de imaginar o espaço urbano é visível no mercado imobiliário. Os novos edifícios já são pensados para abrigar um espaço de coworking (ambiente compartilhado de trabalho), por exemplo, prevendo que a tendência será que as pessoas trabalhem mais a partir de casa e usem escritórios virtuais. Se pensarmos que, há apenas algumas décadas, seria impensável construir um condomínio sem vagas de garagem, a mudança de postura do mercado imobiliário realmente impressiona. As construtoras vão ter de se adaptar ao novo consumidor, mais consciente dos problemas de poluição, interessado em ter acesso a espaços de lazer para praticar exercícios e buscando formas de ser mais saudável. Além de preocupado em ser um cidadão melhor.

Yeswant Abhimanyu



A FÊ E A FOME

A fome é uma realidade que ofende o projeto de Deus. No Antigo Testamento, os olhos críticos, sempre viram a fome como sendo o fruto da injustiça, da ambição e do poder. No mundo de hoje a fome continua devastadora de vidas. No Brasil, em números absolutos ainda, em 2,1 milhões de lares existem 7,2 milhões de pessoas passando fome.

Jesus teve como sua primeira tentação solucionar o problema da fome, transformando pedra em pão. O Mestre sabia que não se resolve o problema da fome com milagres (Ver Müller Antônio, *Tentações de Cristo* p. 81). É preciso a conversão pela palavra que toca o coração Mt 4,3-4. Na lembrança, das primeiras comunidades registradas nos evangelhos, seis vezes repete, Jesus provocando os apóstolos para que solucionem o problema da fome do povo. Vejamos: Em Mateus e Marcos Jesus fala de sua compaixão pelo povo que busca a pala-

vra de Deus e que passa fome (Mt 15,32 e Mc 8,1). Nesta situação Jesus ordena por três vezes: Vocês é que têm de lhes dar de comer (Mt 14,16; Mc 6,36 e Lc 9,13). Jesus estava tentando, desafiando os apóstolos para a busca da solução. A solução não estava na resposta financeira, capitalista do dinheiro para comprar tanto pão: “Nem meio ano de salário bastaria para dar um pedaço para cada um”, foi a resposta de Filipe.

Onde estava a resposta: Ver o quanto tem, motivar a partilha, organizar o povo e descobrir que ainda há fartura e que vão sobrar muitos pães e peixes.

Deus aposta na fé do cidadão que é capaz de se organizar e partilhar. Caberia às Igrejas aceitar a ordem deixada por Jesus na realização desta tarefa ou vamos esperar que o acerto de contas desta tarefa aconteça no julgamento final (Mt 25,31-46)?

José Vanin Martins



A GRANDE ONDA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL E PROPOSTAS DE BISPOS PARA ENFRENTAR A PERDA DE FIÉIS

Em fins de 2016, o Instituto Datafolha publicou uma pesquisa que fez ressoar uma campanha de alarme na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). O estudo mostra que, nos últimos dois anos, 9 milhões de pessoas abandonaram o catolicismo no país. Em 2014, a porcentagem da população que declarava ser católica era de 60%, ao passo que em dezembro de 2016 baixou para 50%. No mesmo período, os fiéis pentecostais ou neopentecostais passaram de 18% a 22%. Embora a recente baixa na porcentagem de católicos não foi acompanhada por uma ampla expansão dos fiéis pentecostais ou neopentecostais, o que preocupa os bispos é outro dado: a metade dos que declaram ser pentecostais ou neopentecostais provém da Igreja Católica, onde haviam crescido.

Recentemente, a CNBB organizou um encontro para discutir o crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais. As conclusões identificam diversas causas: os evangélicos contam com uma estrutura mais dinâmica e podem chegar às pessoas de uma forma mais rápida, em qualquer lugar onde estejam; aproveitam a ingenuidade ou a má formação dos católicos – sobretudo, os que vivem nas zonas rurais ou nas periferias das grandes cidades – e levam adiante uma intensa propaganda contra o catolicismo; por último, os evangélicos recorrem a uma forte carga emocional para atrair as pessoas.

Como os bispos focalizam estes problemas? Como podem responder à realidade? Que propostas podem ser úteis para inverter a situação?

Na CNBB, todos estão de acordo em que as respostas oferecidas pelos pentecostais ou neopentecostais àqueles que possuem problemas de saúde, acidentes ou situações graves são mais atrativas que as católicas. “Muitas vezes, a razão pela qual as pessoas deixam a Igreja Católica é de tipo material: a promessa de uma ajuda material que praticamente compra, adquire a pessoa, e depois a deixa com a sensação de ter sido traída e desiludida”, afirma dom Francisco Biasin, presidente da Comissão de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da CNBB.

Contudo, o problema principal é que não há um ponto de encontro com estas pessoas que têm dificuldades. “Temos que ser mais missionários, encontrar a forma de estar mais presentes nas periferias e no interior, fazer tudo o que for possível para que haja uma figura de referência em cada comunidade”, afirma o cardeal de São Paulo, dom Odilo Scherer. “O importante é buscar os fiéis em suas casas, nas escolas, nas instituições. Ser uma Igreja projetada para o exterior.

Por isso, uma das propostas da CNBB é que o bispo

eleja, em cada caso, ao menos dois leigos reconhecidos como católicos que sejam um ponto de referência para seus vizinhos e animem a comunidade”. “Que a comunidade perceba que há alguém que está ali em nome do bispo, em nome da Igreja, que os anima e que também os ajuda a enfrentar as dificuldades, os problemas, as discussões, os distanciamentos, que tornam presente a misericórdia. Acredito que, de certa forma, é este elemento que falta bastante na realidade”, afirma dom Leonardo Steiner, secretário geral da CNBB.



Além disso, também é preciso oferecer nas próprias comunidades – e não nas paróquias – grupos de oração, grupos juvenis e de outro tipo. Isto poderia equilibrar, a seu critério, o fato dos pastores pentecostais serem casados, viverem nas comunidades e passarem grande parte do tempo com os fiéis, diferente dos sacerdotes, que precisam se ocupar da paróquia e, às vezes, estão distantes das pessoas.

Contudo, se não há uma autonomia real aos leigos católicos, nada pode mudar. Essa é a opinião de dom Enemésio Lazzaris, bispo de Balsas no Estado do Maranhão, uma das regiões que mais ressentem o crescimento dos pentecostais. “Compreendemos que um dos êxitos das igrejas evangélicas é que cada um se sente igreja, com uma autonomia quase completa. Nós, às vezes, delegamos a autoridade, mas a retemos, controlamos muito. Temos que dar maior liberdade, mais autonomia a estas pessoas”.

Outra proposta importante para a CNBB se refere à formação bíblica e a catequese dos fiéis. Considera-se que

uma das possíveis soluções é propor nas comunidades cursos mais frequentes e menos extensos, com uma linguagem mais simples e direta. “Necessitamos de uma maior presença próxima aos católicos, evangelizar mais e ajudá-los a aprofundar a fé, para que tenham uma maior consciência de sua própria fé e possam crescer, para evitar confusões e incertezas”, afirma dom Orani Tempesta, cardeal do Rio de Janeiro.

Por último, constitui um desafio para a CNBB o forte componente emocional que os pentecostais utilizam para atrair os fiéis, o que a médio e longo prazo pode ser um problema. Dom Leonardo Steiner recorda que o Papa Francisco, ao fechar o Ano da Misericórdia, deixou claro que “é preciso testemunhas da esperança e da verdadeira alegria para desfazer as quimeras que prometem uma felicidade fácil com paraísos artificiais”. O problema de se centrar no fator emocional é que a experiência pode ser derrubada. Dom Steiner confirma que “os estudos demonstram que as pessoas abandonam as Igrejas tradicionais (católicas e outras), vão para outra Igreja e depois para outra e outra, e depois... para nenhuma. Possuem o seu Deus pessoal”. Dessa maneira, as pessoas perdem a relação pessoal com a Igreja.

Por isso, diz dom Steiner, a Igreja não deve responder com a mesma moeda. O importante é se concentrar na maneira de evangelizar. “A alguns agrada, por exemplo, expressar sua fé de maneira mais emocional, e se distanciam do compromisso de transformação social. A Igreja não pode ceder a esse tipo de desejo, porque iria contra sua missão fundamental, que é anunciar integralmente o Evangelho de Cristo”, explica.

“Acredito que podemos aprender algumas coisas de nossos irmãos pentecostais”, afirma dom Biasin. “Há formas de levar em consideração, dentro da Igreja, algumas reivindicações legítimas do pentecostalismo”, e cita como exemplo o movimento da Renovação Carismática. Também oferecer aos fiéis que desejam uma liturgia mais participativa e emocional, com ênfase nos dons do Espírito Santo, o exorcismo, a leitura das Sagradas Escrituras e a música. “Conceber o diálogo católico-pentecostal como uma maneira de compartilhar dons é algo possível e útil para o futuro da Igreja”, conclui dom Biasin.

Rafael Marcoccia

Nota da redação: Fiquei com dó dos nossos bispos ao percebê-los tão fora da realidade que envolve a Igreja e a verdadeira causa do crescimento das igrejas pentecostais. Com porteiras tão escancaradas, jamais o êxodo dos fiéis será evitado.

ALERTA NA PORTA DE UM CONSULTÓRIO



A enfermidade é um conflito entre a personalidade e a alma.

O resfriado escorre quando o corpo não chora.

A dor de garganta entope quando não é possível comunicar as aflições.

O estômago arde quando as raivas não conseguem sair.

O diabetes invade quando a solidão dói.

O corpo engorda quando a insatisfação aperta.

A dor de cabeça deprime quando as dúvidas aumentam.

O coração desiste quando o sentido da vida parece terminar.

A alergia aparece quando o perfeccionismo fica

intolerável.

As unhas quebram quando as defesas ficam ameaçadas.

O peito aperta quando o orgulho escraviza.

A pressão sobe quando o medo aprisiona.

As neuroses paralisam quando a "criança interna" tiraniza.

A febre esquenta quando as defesas detonam as fronteiras da imunidade.

Os joelhos doem quando o orgulho não se dobra.

O câncer mata quando não se perdoa e/ou causa de viver.

E as dores caladas? Como falam em nosso corpo?

A enfermidade não é

má, ela avisa quando erramos a direção.

O caminho para a felicidade não é reto, existem curvas chamadas Equívocos.

Existem semáforos chamados Amigos.

Luzes de precaução chamadas Família.

Ajudará muito ter no caminho uma peça de reposição chamada Decisão.

Um potente motor chamado Amor.

Um bom seguro chamado FÉ.

Abundante combustível chamado Paciência.

Mas há um maravilhoso Condutor e solucionador chamado DEUS.

Autor desconhecido

A INTERNET E A JUVENTUDE

Há cerca de vinte anos, era moderno dizer que tinha "endereço eletrônico" ou trocar essa informação com amigos, namoradas, etc. Isto hoje, é coisa superada em face das inovações tecnológicas, que a cada dia nos surpreendem com avanços antes impensáveis.

No Brasil temos um ponderável número das chamadas "redes sociais", onde podemos destacar Orkut, Facebook, Twitter, LinkedIn e outras. Em oposição aos problemas que essa exacerbação provoca, salienta-se a velocidade da circulação das notícias. O que vamos ler no jornal de amanhã ou assistir no telejornal da noite, é possível tomar conhecimento on line, quase na hora que ocorreu o fato. Correm as notícias, mas não raro, fofocas, calúnias e informações distorcidas. Essa facilidade de comunicação ajuda, mas serve para disseminar racismo, pornografia, violência, calúnias e outros crimes.

Há dias circoulo uma piada, interessante e oportuna. O filho diz ao pai "Tenho notebook, tablet, Ipod, mp3, pendrive, banda larga... pai, o que vocês tinham antigamente?". O pai, sem levantar os olhos do jornal responde: "o cérebro!".

Antes eram os celulares. Quando surgiram eram um xodó! Hoje, o que menos se usa é o telefone, pois a



gama de ofertas tecnológicas (inclusive como máquina de fotografia e vídeo digital) faz com que as pessoas, a partir de crianças de pouca idade, passem o dia inteiro com ele nas mãos, descobrindo coisas. Tive uma empregada que tinha dois aparelhos, com quatro chips e atendia em média umas dez ligações por dia. Não era garota, mas uma tabacuda grande que fazia faxina com uma mão e segurava o celular com a outra. O fato é que o celular e a Internet se tornaram hoje um apêndice das pessoas, especialmente dos jovens. É raro quem não os tenha. É indiscutível que os celulares modernos, de ultima geração, são objetos de utilidade, mas em muitos casos, se tornaram motivo de ostentação e estão virando uma paranóia.

Vi, em um consultório médico, enquanto a senhora fazia a ficha com a atendente, as duas filhas digitavam

ferozmente seus aparelhinhos, buscando aquela "comunicação com o mundo" que o fabricante apregoa. Quatro rapazes estavam na praia, sentados em suas cadeirinhas, com os celulares à mão, fones ao ouvido: davam mais atenção ao que passava na telinha do que à paisagem e às meninas que desfilavam pela orla.

É comum ver, em lugares públicos, pessoas conectadas, através de tecnologia. Há dificuldades na comunicação com amigos e parentes, mas ela ocorre com os parceiros da web. Os professores tem dificuldade em fazer que os jovens troquem seus celulares pelo conteúdo das matérias. Há pais que se queixam que a garotada não abre mão dessa tecnologia nem na hora das refeições. No Brasil há 2,5 celulares por pessoa. Isso proporciona uma comunicação incrível com o mundo virtual.

Antônio Mesquita Galvão

TERRAÇOS E TELHADOS VERDES

As grandes cidades denominadas Megalópolis, como também os pequenos Municípios podem, daqui por diante, usufruir de espaços verdes nos terraços de seus edifícios.

É a chamada "Revolução Verde da Biodiversidade" do século XXI, que propõe, na sua utopia, ematapatar o Globo Terrestre com o vergel da clorofila. Assim, possibilita a preservação dos vegetais, a proteção do meio-ambiente, e, estabelece a sustentabilidade do Planeta Terra (Casa Comum da Humanidade) na convivência do dia-a-dia com Biosfera, o habitat natural de todos os seres vivos. Os terraços dos edifícios já estão programados para o cultivo de jardins e hortas.

Esta iniciativa projeta diminuir a poluição dos gases letais na atmosfera e diminuir a fome entre os humanos. Os jardins suspensos dos terraços serão um



ambiente útil do Condomínio para seus moradores. A "Revolução Verde" também favorece o cultivo de jardins e hortas domésticas, nas próprias moradias dos seus condôminos.

Na Alemanha, em Berlim, já existem Empresas com seus

Empreendedores cuidando dos Terraços verdes, e já cultivam hortaliças e plantas frutíferas em estufas. Seus cultivadores são chamados de "Agricultores e Fazendeiros Urbanos" em oposição aos agricultores do meio rural. No Japão, Tóquio, e em muitas outras

cidades vizinhas, já são cultivados jardins, hortas e pomares em vários terraços de prédios, possibilitando o aumento de mão de obra (emprego), como também, aquisição e comércio de alimentos para saciar a fome de milhares de seres humanos.

A "Revolução Verde" do século 21 deve propiciar programas básicos de aprendizagem nos Cursos de Ciências para serem introduzidos nas escolas a cultura de hortas e jardins. Especialmente nas Universidades Agrícolas, os universitários devem napraxis de seus estudos acadêmicos, estimular projetos específicos de assistênciarural, e fomentaro plantio de plantas medicinaise hortas domésticas.

Felizmente, há um vislumbre na Nova Escola (Engenharia, Arquitetura e Biologia) de serem aproveitados os terraços dos edifícios para ambientes verdes com

plantas decorativas.

Os terraços das construções do MundoInteiroterão uma visão docirculoverdejanteao relembrar "os Jardins suspensos daBabilônia".

A Comunidade Cristã Universal deve incluir nos seus currículos de "BIOLOGIA PASTORAL e ECOLOGIA PASTORAL" estudos e projetos de biodiversidade e bio-sustentabilidadepara proteção dos Biomas do Planeta Terra.

Daqui por diante, aqueles e aquelas, em qualquer faixa etária, quando olharem o Mapa Mundi Terrestre, na visão dos satélites do espaço sideral, parodiando oAstronauta Russo Yuri Gagarin, ao afirmar "A TERRA É AZUL", podem confirmar "A TERRA É VERDE". Sim, mas também, "A TERRA É AZUL E VERDE".

Clovis Antunes
c_antunes 30@hotmail.com



QUE FARÁ O PAPA FRANCISCO COM OS SACERDOTES SECULARIZADOS?

Durante um pouco mais de cinquenta anos, dediquei muitas horas ao estudo do celibato eclesial. Em todos os aspectos: histórico, teológico, jurídico, sociológico e místico.

Publiquei alguma coisa, fruto desses estudos. Hoje só enumerarei algumas das conclusões desta pesquisa. E, com conhecimento de causa, acho que indicarei qual é plano muito provável do Papa Francisco quanto ao celibato clerical. O que digo está muito pensado, mas sem qualquer pretensão de infalibilidade; todos podemos errar.

Estas são as minhas conclusões:

1. O celibato pelo Reino dos Céus é algo querido e desejado por Cristo para aqueles a quem foi dado o dom.

2. O celibato imposto como obrigação ou condição para o sacerdócio, não pode ser considerado evangélico.

3. A hierarquia da Igreja não deveria reservar para si a dispensa de votos daqueles que se comprometem, mas deixar isso à consciência dos próprios compromitentes de modo que aqueles que livremente decidiram pela castidade, com essa mesma liberdade possam casar-se.

4. A obrigatoriedade legal favorece os que mandam. Domina-se mais facilmente um celibatário do que um casado.

5. A virgindade ou continência ritual está superada em todas as religiões.

6. "Se Cristo virgem, também os sacerdotes" não tem valor, nem religioso, nem social, nem místico.

7. O celibato será a joia da Igreja quando não for obrigatório.

8. Os benefícios da lei do ce-



libato não compensam os escândalos que causou. Maiores benefícios seriam obtidos com um celibato livre.

9. A questão econômica tem sido uma das principais razões para manter esta lei.

Percorrendo um pouco a história:

1. São Paulo foi celibatário, mas não o impôs a ninguém. Fomentou-o; e inclusive criou algumas comunidades de virgens, mas sem votos embora sim com uma determinação de continuar, mas de tal maneira que a qualquer momento podiam contrair matrimônio sem humilhação ou extorsão para eles.

2. Muitos Sacerdotes fervo-

ros e idealistas viviam em continência nos primeiros séculos, mesmo quando eram casados. Encorajavam outros a fazer o mesmo. Era um idealismo mais de tipo ritual. Com o tempo esses idealistas trataram de impor a todos a sua decisão.

3. Esta pretensão é julgada por muitos como soberba e desejo de poder.

4. Viram a utilidade do celibato para proteger os bens da Igreja e não transmiti-los por herança aos descendentes.

5. Nos séculos quarto e seguintes mais do que vetar o casamento aos clérigos ordenava-se que não o usassem quando imediatamente depois tivessem

de administrar sacramentos. Chegou-se até a mandar que nunca fosse usado porque a qualquer momento poderiam ser requisitados para administrar um batismo.

6. O celibato demorou a impor-se totalmente antes de Trento. Sempre foi atendido, e nunca cumprido no seu aspecto mais positivo, exceto nos casos de pessoas muito santas. Não eram muitos os amancebados, mas para a maioria foi um fardo duro e improdutivo.

Levando em conta tudo isto o que vai fazer Papa Francisco?

É muito pouco o que ele tem falado sobre o tema, mas tem-no muito na alma. O papa Francisco sabe muito bem que a atual lei

do celibato não pode ser revogada com uma canetada. Se assim o fizesse poderia ser altamente prejudicial para a Igreja. Por outro lado, nunca abolirá esta lei por sua própria conta. Ele o fará depois de ter sondado a opinião de todos os bispos do mundo. E acredito que já se está trabalhando neste sentido.

O processo para a reforma da lei do celibato seguirá com grande probabilidade estes passos:

1) Começar-se-á, e logo, por ordenar sacerdotes homens já casados (catequistas) na África e outros lugares onde o celibato não tem nenhum valor ou é até uma aberração.

2) Existem muitos diáconos casados que desejariam ser ordenados padres. Há que aproveitar também em breve esta conjuntura.

3) Reintegração dos padres secularizados casados que o solicitem, depois de passados alguns anos de casados.

4) Ordenação de homens casados (os "viri probati") como sacerdotes, especialmente em aldeias onde não haja padre ou em cidades com grande carência.

5) Os padres celibatários que optem por contrair matrimônio teriam de conseguir um emprego civil, tal como o têm hoje os diáconos e viver alguns anos sem exercer o ministério. Depois reintegrariam.

Sempre haverá padres celibatários, liberados de qualquer trabalho civil. Isso é absolutamente necessário na Igreja. Os bispos sempre serão celibatários porque precisam de uma dedicação completa e exclusiva; e se quiserem casar-se passariam a exercer não o papel de bispos, mas o de padres normais.

Josemari Lorenzo Amelibia

VENDA DE TERRAS BRASILEIRAS

Com a empáfia do conquistador que quer se apossar do mundo, o europeu chega ao Brasil e começa a tecer as estratégias para tomar esse chão como seu. Basta uma rápida folheada nos livros de História do Brasil para perceber que, mesmo fixados aqui, tanto portugueses quanto seus descendentes, já nascidos no país, sempre cederam à corte do estrangeiro que estava de olho na riqueza de suas terras. Para o advogado Mozar Dietrich, essa gênese se atualiza hoje na proposta do governo de Michel Temer de flexibilizar as regras para venda de propriedades a não brasileiros. "A cobiça sobre o Brasil é imensa, pois, além do Pré-Sal, temos a Floresta Amazônica, as maiores jazidas de ferro e nióbio do mundo, terras com imenso potencial agrícola, pois somos o país com a maior área de insolação/ano do mundo, extensas praias para instalação de parques

eólicos, e, no caso do nosso Pampa, imensas áreas cobijadas pelas empresas produtoras de pasta de celulose", completa.

Na entrevista, concedida por e-mail à IHU On-Line, Mozar analisa as consequências dessas ações sobre os biomas brasileiros. E dispara: "o risco para o país é imenso, trata-se de um atentado à soberania nacional". Além disso, observa que primeiro se quer vender a terra e depois a intenção é flexibilizar a legislação ambiental para assegurar a exploração mercantil. "Mesmo que essas empresas consigam adquirir terras com as mudanças nas legislações, se mantidas as atuais exigências ambientais, elas dificilmente obterão autorização para o plantio, pois não há como harmonizar monocultivo de eucaliptos em vasta escala com proteção ambiental", alerta Dietrich.

Mozar Artur



ERVA-MATE E SEUS BENEFÍCIOS

A erva-mate é uma bebida popular, não alcoólica, amplamente consumida pelos habitantes da América do Sul. É feita com folhas secas da planta *Ilex paraguariensis*, que é nativa da América do Sul. Pode ser encontrada em países como Argentina, Paraguai, Uruguai e Brasil. Nos países de língua espanhola, chama-se mate, e no sul do Brasil é conhecida como chimarrão e também como mate. Este produto foi usado pelos nativos da região durante vários séculos como uma bebida com propriedades medicinais.

A erva-mate contém muitos benefícios à saúde, tais como a capacidade de reduzir o risco de câncer, doenças cardiovasculares e melhorar a saúde.

Aos poucos, ela está se tornando popular na Europa, Estados Unidos e em outros países devido aos seus efeitos estimulantes e saudáveis. Uma variedade de estudos concluiu que a erva-mate é benéfica na redução do risco de várias doenças. Alguns a consideram uma alternativa para chá ou café.

Valor nutricional da erva mate

A erva contém vários nutrientes que ajudam a manter uma



boa saúde. É uma boa fonte de polifenóis, derivados de xantina cafeoil e saponinas. Entre o conteúdo mineral estão zinco, cromo, potássio, cobre, alumínio, ferro, manganês e níquel. Além disso, contém vitamina C, B1 e B2 entre os seus compostos.

Propriedades antioxidantes

O consumo do mate fornece antioxidantes ao corpo. Esta bebida tem vários fitoquímicos, como polifenóis, ácido clorogênico e derivados de cafeoil, que fazem com que seja um antioxidante benéfico.

Vários estudos sugerem que o

extrato de erva-mate pode reduzir o estresse oxidativo que aumenta o risco de danificar o fígado e o coração. Ele também reduz o stress nitrosativo que podem causar danos no DNA, morte celular. Em comparação com chá verde, a erva-mate é mais eficaz na prevenção de citotoxicidade associada à restrição do fluxo sanguíneo, que leva a problemas cardíacos e derrames.

Benefícios cardiovasculares

A erva mate contém compostos como polifenóis, que podem ser benéficos na redução do risco de doenças cardiovasculares,

tais como aterosclerose. Resultados de estudos científicos sugerem que a ingestão de erva-mate tem um impacto benéfico na redução de lipídios no sangue e ajuda a reduzir o mau colesterol em pessoas que sofrem de colesterol alto. O consumo do mate protege o tecido do miocárdio (membrana que envolve o coração) e também tem benefícios na redução do estresse oxidativo causado pelos radicais livres e outros fatores, que podem provocar acidentes vasculares cerebrais.

Propriedades antimicrobianas

Os resultados de uma pesquisa para determinar os efeitos da erva na bactéria *E. coli*, sugerem que ela possui propriedades antimicrobianas que podem ser úteis na prevenção de riscos para a saúde causados por tais bactérias. Por causa destes resultados, acredita-se que tenha potencial de ser usada como um agente antimicrobiano em vários alimentos e bebidas para combater a *E. coli*.

Propriedades anti-inflamatórias

Os flavonoides encontrados na erva-mate podem ser benéficos para reduzir as inflamações.

Esta propriedade anti-inflamatória faz com que esta planta seja benéfica para reduzir o risco de doença crônica e, portanto, melhorar a saúde geral.

Prevenção contra o câncer

Entre os benefícios à saúde proporcionados pela erva-mate estão as propriedades de prevenção contra o câncer. Vários estudos foram realizados para avaliar as propriedades anticancerígenas deste produto e descobriu-se que, na verdade, ela melhora a proteção natural do corpo contra o câncer.

Diabetes

A erva-mate pode ser benéfica porque reduz as complicações causadas pela hiperglicemia diabética. Neste caso, o mate, como antioxidante, influi no processo de redução dos níveis de glicose no sangue.

Controle de peso e obesidade

Pesquisas indicaram que o mate possui eficácia para reduzir o peso e a obesidade. Os efeitos da perda de peso de erva-mate são atribuídos ao aumento da oxidação da gordura, diminuição do esvaziamento gástrico e aumento da sensação de saciedade.

Saúde & Bem-Estar

AUMENTO DOS GASTOS MILITARES DOS ESTADOS UNIDOS

Os gastos militares dos Estados Unidos cresceram exponencialmente ao longo das duas últimas décadas. O alarde ao tema dado pelos meios de comunicação anúncio de gastos do presidente Trump ignora a enorme expansão que teve o militarismo sob os últimos governos de Obama, Bill Clinton e George Bush.

Neste artigo, iremos comparar e analisar o ininterrupto aumento que o militarismo experimentou nos últimos dezessete anos. Em seguida, demonstraremos que o militarismo é uma linha estrutural essencial, mediante a qual o imperialismo estadunidense se insere no sistema internacional. Segundo James Petras, os enormes aumentos no gasto militar foram uma constante, independente da retórica de campanha de qualquer dos presidentes citados acima, para sobrar recursos para outras prioridades como dedicar mais recursos à economia interna.

Bill Clinton aumentou o orçamento bélico de 302 bilhões de dólares, em 2000, para 313 bilhões, em



2001. W.Bush filho, elevou os gastos militares de 357 bilhões, em 2002, para 465 bilhões, em 2004, e para 621 bilhões, em 2008. Com Obama o gasto militar seguiu sua trajetória de crescimento. De 669 bilhões, em 2009, subiu para 711 bilhões, em 2011, e depois vem decrescendo ao patamar de 596 bilhões previstos para 2017. Mas nesse orçamento não estão incluídos alguns gastos relacionados a alguns departamentos do governo relacionados à Defesa, entre eles o aumento de 25 bilhões para o programa de armas nucleares do departamento de energia.

O último orçamento aprovado por também não contemplava às Operações de Contingência no Exterior, destinada a pagar as guerras dos Estados Unidos no Afeganistão, Iraque, Síria, Iêmen, Líbia e muitos outros países. Parece ironia, mas em seus oito anos de presidência, o homem da paz, chamado Obama, superou em mais de 816 bilhões os gastos militares de Bush, que destruiu o Iraque e o Afeganistão. Depois de pequena queda, Trump retoma a escalada armamentista, ameaçando o mundo de entrar em outra corrida armamentista.

James Petras

MICHEL TEMER NOMEIA SUBSTITUTO PARA O STF

Moraes não é um neófito em Direito. Nessa matéria, há coisa pior no Supremo. Mas, além de polêmico, o preferido de Temer tem notórios vínculos com o PSDB. É filiado ao partido. Servia ao governo tucano de São Paulo. Foi alçado à poltrona de ministro da Justiça na cota tucana.

De resto, o perfil de Moraes distancia-se do de Teori como a Terra da Lua. Tanto que auxiliares de Temer, ao conhecer os critérios que o presidente se auto impusera, já haviam descartado a hipótese de transferência do ministro da Justiça para a Suprema Corte. Em privado, Temer dissera mais de uma vez que considerava Moraes mais útil na Esplanada dos Ministérios. Seus auxiliares apostavam que ele escolheria um ministro do Superior Tribunal de Justiça, de onde saíra Teori.

Supremo paradoxo: tomado por seus escritos, o próprio Alexandre Moraes considera que sua migração da pasta da Justiça para uma cadeira do Supremo não seria recomendável. Na tese de doutorado que apresentou na USP, em julho de 2000, Moraes sustentou que ocupantes de cargos de confiança deveriam ser vetados.

Moraes escreveu o seguinte: "É vedado para o cargo de ministro do STF o acesso daqueles que estiverem no exercício



ou tiveram exercido cargo de confiança no Poder Executivo, mandatos eletivos, ou o cargo de procurador-geral da República, durante o mandato do presidente da República em exercício no momento da escolha, de maneira a evitar-se demonstração de gratidão política ou compromissos que comprometam a independência de nossa Corte Constitucional."

Quer dizer: se Temer seguisse seus critérios ou os ensinamentos do seu ministro da Justiça, Alexandre Moraes jamais seria escolhido para o posto de ministro do Supremo Tribunal Federal e se Alexandre fosse coerente com o que escreveu jamais teria aceitado.

Nota da redação: Como disse Fernando Henrique Cardoso quando assumiu a presidência: "esqueçam o que escrevi", referindo-se à Teoria da Dependência. Realmente, a ética do poder segue a conveniência. Não é acadêmica. Vá acreditar nos políticos se antes são uma coisa, no poder são outra.

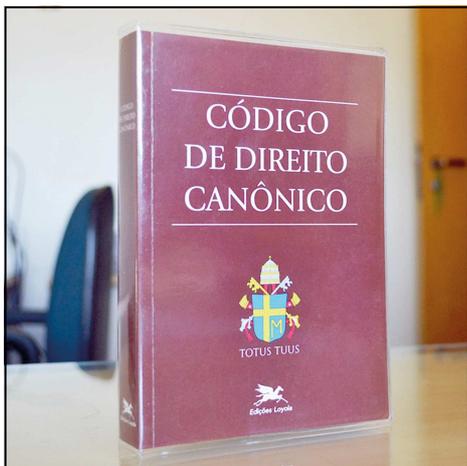
Josias de Souza

TEOLOGIA DA DESIGUALDADE

Uma teologia da desigualdade – nunca definida, mas claramente aplicada – encontra-se bem formulada no vigente Código de Direito Canônico da Igreja católica.

No Código, como sabemos, as mulheres não são iguais em direitos aos homens; nem os leigos são iguais aos clérigos; nem os presbíteros têm os mesmos direitos que os bispos; nem os bispos se igualam aos cardeais. E conste que não falo dos poderes inerentes ao governante, mas dos direitos que são próprios das pessoas. Já sei que tudo isso necessitaria de uma série de precisões jurídicas e teológicas, que aqui não tenho espaço para explicar. Para o que quero indicar nesta reflexão, vale o que segue como uma simples introdução à teologia da desigualdade na Igreja.

Como ponto de partida, não esqueçamos que a religião é geralmente aceita como um sistema cujas características implicam dependência, submissão e subordinação a superiores



invisíveis (W. Burkert). Superiores que se tornam visíveis em hierarquias que fazem cumprir os rituais de submissão, de acordo com as diversas religiões e suas estruturas correspondentes. No caso da Igreja, durante os três primeiros séculos, as comunidades evangélicas primitivas foram se transformando em um “sistema de dominação”, com as consequentes desigualdades que todo sistema de dominação produz e que

foi estabelecido na Antiguidade Tardia (J. Fernández Ubiña, ed.).

Este sistema, como é do conhecimento de todos, atingiu o auge da sua predominância, em sua expressão máxima, na “potestad plena” (séculos XI a XIII). Um poder exercido conforme a normativa do Direito Romano (Peter G. Stein), que não reconheceu a igualdade “em dignidade de direitos” de mulheres, escravos e estrangeiros.

Como é lógico, este sistema, já não mais baseado nas “diferenças”, mas nas “desigualdades”, sofreu o golpe mais duro, que podia suportar, nas ideias e nas leis produzidas pelo Iluminismo, concretamente na Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, aprovada pela Assembleia francesa, em 1789, documento que foi denunciado e rejeitado pelo Papa Pio VI. Ela está na base do duro confronto entre a Igreja e a cultura da Modernidade. Um confronto que durou mais de um século e meio, até depois da Segunda Guerra Mundial.

Naturalmente, esta legislação e esta forma de entender a presença da Igreja na sociedade tinham que ser justificadas com uma determinada teologia. A teologia da desigualdade, que o Papa Leão XIII recolheu de uma tradição de séculos, para rejeitar os ensinamentos dos socialistas, que, na opinião daquele papa, “não deixam de ensinar... que todos os homens são iguais por natureza” (Encíclica

Quod Apostolici. ASS XI, 1878, 372). Quando, na realidade, para Leão XIII, “a desigualdade, em direitos e poderes, emana do próprio Autor da natureza”. E tem que ser assim, “para que a razão de ser da obediência seja fácil, firme e o mais nobre possível” (ASS XI, 372).

Assim, o papado daqueles tempos quis aplicar à sociedade civil o princípio determinante do sistema eclesástico, que foi formulado pelo Papa Pio X, em 1906: “Só na Igreja residem o direito e a autoridade necessária para promover e dirigir todos os membros ao fim da sociedade; quanto à multidão, essa não tem outro dever senão o de se deixar conduzir e, rebanho dócil, seguir os seus Pastores” (Encíclica Vehementer Nos, II-II. ASS 39 (1906) 8-9). A teologia da desigualdade ficou bem formulada desde Gregório VII (século XI) e afiançada por Inocêncio III (séculos XII-XIII).

Um dos componentes determinantes da cultura é a religião. Por isso, uma

cultura como é o caso do que aconteceu no Ocidente durante tantos séculos, a teologia da desigualdade marcou a mentalidade, o Direito, a política, os costumes e as convicções da cultura ocidental, muito mais do que certamente nós imaginamos.

O contraste com esta teologia está no Evangelho. Jesus quis, a todo custo, a igualdade em dignidade e direitos de todos os seres humanos. Por isso, colocou-se do lado dos mais fracos, dos mais desprezados, dos mais desamparados. Dito isso, eu me pergunto: por que há tantas pessoas da religião – ou muito religiosas – que não dissimulam sua rejeição e até seu confronto com o Papa Francisco?

Mais ainda: eu me pergunto também se o profundo mal-estar, e inclusive a indignação, que se vive neste momento na Espanha, não teria algo (ou muito) a ver com a teologia da desigualdade e seus defensores, os clérigos de alta categoria.

José María Castillo

SILÊNCIO. UM FILME VERTIGINOSO E DESAFIADOR

No início é à noite. Apenas perturbada pelo canto das cigarras, até que apenas se impõe o silêncio. E quando aparece a luz, duas cabeças dão as bem-vindas ao espectador, duas cabeças cortadas. Mais longe, os corpos crucificados são envoltos pela fumaça. Um antegosto do inferno? Não, estamos em Scorsese, onde os desafios morais se vivem na carne. E no Japão do século XVIII. Um mundo imerso na escuridão e na névoa, um mundo onde os kirishitan, os cristãos, pescadores e campesinos esfarrapados, esmagados pela miséria, vivem a sua fé em segredo como os discípulos de Jesus no tempo das catacumbas.

Tortura e martírio

É neste extremo oriente que desembarcam clandestinamente dois jovens jesuítas portugueses, os padres Rodrigues e Garupe, na busca de um terceiro, o padre Ferreira. Uma missão que vira literalmente um calvário. Rodrigues e Garupe são em breve testemunhas impotentes – e o espectador com eles – dos castigos impostos aos seus correligionários. Punições que pontuam o filme, dando-lhe seu caráter de um lado ao outro assustador, sem escapatória para um espectador que é gradualmente privado, como os heróis, de toda esperança. Nada livre nessas imagens, como



elas se abrem as perguntas sobre as questões morais.

Scorsese prolonga a reflexão espiritual começada com A última tentação de Cristo em 1988. Em quanto adapta o romance de Nikos Kazantzákis, ele queria mostrar como um Jesus, terrivelmente humano, descobre quase a pesar de si a sua natureza divina. Aqui, o padre Rodrigues realiza, na sua escala, o caminho inverso. Um caminho de absoluta humildade. Ele é continuamente acompanhado, obcecado com o rosto do Cristo, um Cristo cuja imagem – com seus grandes olhos abertos, a sua

testa coroada, tais como, pintado pelo El Greco – são um tema recorrente. Rodrigues, caçado pelos japoneses, trancado em sua cela que era uma gaiola para animais, está perto do destino do mártir. Perto de subir heroicamente na sua cruz.

Exceto que, em última análise, ele escolheu se curvar ao seu veredicto, de renegar publicamente a sua fé, porque esse é o preço que é solicitado a pagar pelas vidas de seus irmãos cristãos. E pisoteando a imagem do Cristo, Rodrigues pisa a sua própria vaidade.

Se na primeira aparência parece um filme de aventura, Silêncio

se faz pouco a pouco uma reflexão vertiginosa. Com a arte consumada do diálogo, Scorsese confronta Rodrigues a um grande inquisidor retorcido, carregado pelo poder de erradicar o menor traço do cristianismo. Em seguida, temos um Ferreira não menos perturbador, que apóstata ele mesmo com frase após frase faz vacilar a fé do seu antigo discípulo. O teste físico vem para superar a dor física. Tornando o filme ainda mais sufocante.

A beleza da imagem

Mais sem dúvida, levado por uma natureza selvagem e magnífica, Scorsese opta por um estilo

quase nu. Lamentaremos os momentos em que o Rodrigues ouve ou acredita que ouve a voz de Jesus! A beleza da imagem parece quase contradizer o horror da história. Temos que ver como o cineasta filma as cenas do crente crucificado aguardando ser afogado pela maré: sem música, com o rugir das ondas, batendo as rochas. E este homem moribundo que num último suspiro lança seu canto para os céus. De uma experiência aterrorizante, Scorsese faz um momento, único, belo, impregnado de espiritualidade.

La Vi

O PODER DAS MULHERES NA IGREJA

A questão do papel das mulheres na Igreja católica afeta diretamente o nó do poder pastoral e das estruturas do catolicismo. Isso é confirmado de maneira inequívoca no livro *Il potere delle donne nella Chiesa*. Giuditta, Chiara e le altre (Corocci editore, p. 248, Euros 18), a recente publicação de Adriana Valerio, historiadora do cristianismo e autora de importantes contribuições sobre o conflito de gênero na história da Igreja.

Sua reflexão parte da recente intervenção do papa Francisco com o objetivo de instituir um grupo de estudo sobre o diaconato feminino. Trata-se da última de uma série de intervenções que “reacende questões antigas, suscitando esperanças e oposições que, mais uma vez, indicam que é o poder dentro da Igreja que está em jogo”. “Se o ministério fosse de fato – prossegue Adriana – realmente entendido e vivenciado como serviço, não haveria obstáculo algum para que fosse permitido também às mulheres. Mas evidentemente não é esse o caso. As mulheres permanecem ‘a serviço’, mas não desempenham nenhum papel decisivo”.



O tema do “serviço” nos seus múltiplos significados apresenta o fio condutor com o qual é possível ler a ampla análise, embora sintética, proposta pela autora. Nas Escrituras, por exemplo, por um lado há referências a contextos culturais nos quais a mulher está submetida às instituições de uma sociedade patriarcal e hierárquica, e pelo outro não faltam episódios que remetem à condição real da mulher no Oriente antigo e abrem horizontes para uma possível emancipação. É preciso ler por esse enfoque a ambivalente figura de Ester que por meio da sedução dobra o domínio mas-

culino aos seus próprios fins. O mesmo instrumento usado por Judite que se torna o emblema da fragilidade do poder.

Trata-se de um poder ambivalente que pode resultar decisivo para a sorte de Israel, mas que ao mesmo tempo assusta e carece de normas de controle. Nesse contexto – explica Valerio – Jesus e a sua comunidade subvertem as regras de pureza e impureza e integram plenamente as mulheres em seu projeto de refundação religiosa. Para Paulo de Tarso “não pode haver homem nem mulher, pois todos sois um em Cristo”. Mesmo assim o cristianismo apresenta entre as suas aporias o fato de ter

posto em discussão as relações de poder entre as pessoas, repondo-as de forma bem evidente desde o primeiro processo de clericalização entre o II e III séculos.

Assim vai se conformando uma “teologia do pecado” que se alimenta de uma interpretação forçada das cartas paulinas e que “irá ver a mulher como responsável em primeira pessoa de um débito infinito frente a um Deus ofendido e punitivo”. Chegamos assim ao âmago do estudo: a exclusão do sacerdócio, motivada por Tomás em base à sujeição natural do gênero feminino, a estratificação de uma antropologia negativa direcionada a estigmatizar a sexualidade da mulher (“fraca no corpo e imperfeita na razão”), e concomitantemente a presença de mulheres em diversas posições de poder.

A autora apresenta-nos um panorama povoado por diaconisas e abadessas, às vezes dignitárias de poderes feudais e semi-episcopais, e de protagonistas de novas experiências, como no caso de Clara de Assis que se apresenta como “madre que não domina mas governa”. Fecham a rese-

na algumas grandes figuras do século XX como Dorothy Day, fundadora em 1933 do movimento Catholic Worker, Eileen Egan, diretora da seção norte-americana da Pax Christi e Barbara Ward, economista de renome e “auditora” no Concílio Vaticano II. Falando sobre a atualidade da Igreja e Bergoglio, Valerio auspícia uma profunda mudança capaz de conciliar a religião com a transformação ocorrida no paradigma antropológico.

O Catolicismo é chamado a “experimentar novas modalidades de autoridade fecunda, criativa e compartilhada” evitando sua assimilação pelas categorias político-androcêntricas do passado, redescobindo o sacerdócio como real “serviço” e a mensagem originária do Cristo libertador e subversivo. O nó político a ser desatado refere-se principalmente à Igreja, mas as implicações entre religioso e secular analisadas nesse livro permitem a intuição de potencialidades civis de uma reforma desse nível em uma sociedade ainda fortemente androcêntrica.

Alessandro Santagata

MULHERES ESTÃO EM APENAS 37% DOS CARGOS DE CHEFIA NAS EMPRESAS

Com o avanço da mulher no mercado de trabalho, elas respondem atualmente por 43,8% de todos os trabalhadores brasileiros. Mas a participação vai caindo conforme aumenta o nível hierárquico. Elas representam 37% dos cargos de direção e gerência. No topo, nos comitês executivos de grandes empresas, elas são apenas 10% no Brasil.

Em 2015, eram 4,7 milhões de profissionais, dentre os quais 63% eram homens nos cargos de chefia. A desigualdade de rendimentos entre homens e mulheres nesta categoria é maior que no mercado de trabalho como um todo – afirma a economista do IBGE Cristiane Soares.

Na média, a mulher ganha 76% do salário dos homens. Nos cargos de gerência e direção, essa proporção vai para 68%. Quanto mais alto o cargo e a escolaridade, maior a desigualdade de gênero. As estatísticas mostram, no entanto, que, na média da população, a escolaridade



feminina é maior. A mulher tem oito anos de estudo, e o homem, 7,6 anos.

Para Cristiane, a sociedade empurra a mulher a um papel que acaba restringindo suas escolhas profissionais. E a família é outro motivo para frear a subida da mulher no mercado, diz a economista.

Muitas mulheres escolhem carreiras em que podem conciliar trabalho

com as tarefas de casa: mãe, esposa, cuidadora. Outras abrem mão da carreira ou dão prioridade para a ascensão do marido, por ele ganhar mais. Há vários aspectos que restringem essa ascensão, inclusive o machismo, pois alguns homens ainda não aceitam a ideia de serem comandados por uma mulher.

Cássia Almeida

LUÍS NASSIF SOBRE MARISA

Qual a intenção de Sérgio Moro e dos Procuradores da Lava Jato em denunciar dona Marisa? Do ponto de vista jurídico, nenhuma. Jamais comprovaram que o triplex era de Lula. Mesmo se fosse, não havia nada que pudesse ser impingido a dona Marisa. Ela não participava de discussões políticas, menos, ainda, de negócios. Jamais fez reunião com empresários, ou intermediou algum negócio. Limitava-se a cuidar dos filhos e netos e dar amparo emocional ao marido. A intenção foi puramente política, de bater, bater, bater em Lula, até que arriasse emocionalmente.

Não existe ética na guerra. E não existe a figura do inimigo no direito. A Lava Jato se tornou uma operação de guerra, caçando o inimigo e o direito se tornou instrumento de vingança.

Não viam a figura da mãe e da avó, mas apenas a mulher do inimigo a ser abatido.

Divulgaram como prova de crime os pedalinhos que dona Marisa comprou para os netos. Invadiram



seu quarto, reviraram até o colchão da cama. Levaram seu marido detido, expuseram incontáveis vezes os filhos no tribunal da mídia. Esse exercício continuado de crueldade, mais do que que estílo jurídico, é marca de caráter. É possível encontrá-lo em diversos personagens e diversas situações, cada qual subordinando-se aos ritos da classe e às prerrogativas da profissão. Os resultados das investigações mostram que quem procurava no PT a fonte da corrupção, quebrou a cara. Por uma postura ideológica, nada ética, ajudou colocar no poder quem estava mergulhado na corrupção.

No Judiciário, gera al-

guns juízes vingadores. No Ministério Público, alguns projetos de torquemadas. Cada qual busca a jugular do inimigo valendo-se das armas que lhe foram conferidas institucionalmente. Não lhes exigia momentos de civilidade, respingos de respeito, gotículas de humanidade. Hoje, na Lava Jato, o juiz Moro e cada procurador colocarão uma marca a mais no coldre virtual de onde empunham suas armas legais. “Que pelo menos tranquem a porta antes de iniciar a vergonhosa comemoração”.

Nota da REDAÇÃO: Nosso jornal Rumos não assume ideologia a respeito

AS HISTÓRIAS DO DILÚVIO UNIVERSAL, DA ARCA DE NOÉ E DA TORRE DE BABEL



Haim Baharier nasceu em Paris, de pais judeus polacos. Vive em Milão, Itália.

Foi aluno de Emmanuel Levinas, um dos maiores filósofos do século XX, e de Léon Ashkenazi, o pai do renascimento do pensamento judaico na França.

Em conversa com Antônio Gnoli, do jornal La Repubblica, em 20 de janeiro de 2017, faz uma leitura nova das histórias do Dilúvio universal, da Arca de Noé e da Torre de Babel.

“Por um lado, há a humanidade que será afogada no Dilúvio universal e, de outro, está Noé, que se salvará numa arca”. O que essa Arca representa? Arca, em hebraico teva, também significa «palavra». No texto, relatam-se as medidas da Arca: altura, comprimento, largura. Os valores numéricos (em hebraico, as letras também servem como números) correspondem à palavra «linguagem». Noé, que se salva, é o antepassado de Abraão, que, por meio da linguagem e da palavra, inaugura a identidade judaica. Nesse sentido, a história do Dilúvio e da salvação representam as origens arcaicas dessa identidade. É como um ato de fundação, e, como tal, requer o nascimento de uma nova linguagem. A velha linguagem serviu para contornar a punibilidade das leis, para encobrir a verdade, e não para revelá-la. Hoje, conhecemos perfeitamente o que é a manipulação da linguagem, o uso das palavras que nos

afastam da verdade.

O grande naufrágio do nosso mundo tem muito que ver com o Dilúvio. A história do Dilúvio é comum a muitíssimas civilizações e religiões. No entanto, a narrativa bíblica se diferencia das outras na medida em que insiste em como nos salvamos da catástrofe.

A Torre de Babel reforça a história anterior. O texto bíblico fala de uma cidade em construção, cujos construtores parecem prisioneiros de uma linguagem composta por palavras únicas comuns. Nessa cidade, que não reconhece as virtudes da diversidade, não há línguas diferentes. Há uma língua vertical, monolítica e ameaçadora, que impede o desenvolvimento horizontal das línguas plurais. A Torre de Babel, em última análise, mostra o nascimento da linguagem absolutista. Nessa linguagem, já estão presentes implicitamente todos os totalitarismos e os fascismos da história.

A Torre de Babel é o fim da ilusão do “como seria bom se todos falássemos a mesma língua”. Isso não é nada bom, isso anula o tempo da reflexão, da aprendizagem, da dúvida, da contradição. A incompreensão generalizada no nosso mundo conectado na rede é a versão atual da Torre de Babel. Estamos novamente mergulhados na ignorância da diferença entre linguagem e língua.

Fraternitasmovimento.blogspot.com

Falecimento

Giovanni Marco Gerbaldo faleceu em Manaus, em 31 de março, de ataque cardíaco. Nascido na Itália em 1943 veio como missionário para o Brasil.

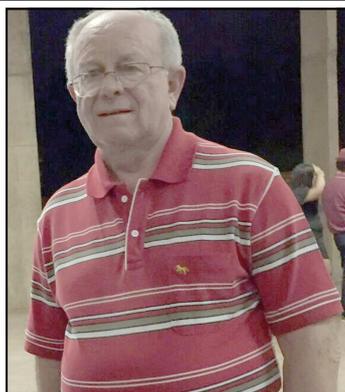
Casou em 1974 com Irene Fogaça e tiveram três filhos. Foi Sócio Fundador do MFPC. Era

líder do grupo do MFPC de Manaus. Vai substituí-lo Gerson Priante, que também assumirá a coordenação do XXII Encontro Nacional do MFPC para Manaus, em julho de 2019.

Que Deus o tenha em bom lugar.

Nossos pêsames à esposa Irene e aos filhos Fabrizio, Giuseppe e Sabrina.

Gilberto (editor)



RELACIONAMENTOS INTERPESSOAIS E SAÚDE SÃO A CHAVE PARA A FELICIDADE

«Os problemas de saúde (mentais e físicos) e o insucesso em termos de relações humanas são as principais causas de infelicidade», diz um estudo britânico.

Se pudéssemos eliminar problemas psicológicos como a depressão ou a ansiedade, a infelicidade do mundo seria reduzida, automaticamente, em 20%, sendo que eliminando a pobreza, apenas 5% da infelicidade mundial seria eliminada, dizem os autores do estudo realizado pela London School of Economics em parceria com a Organização para a Cooperação e para o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Os resultados do estudo “A origem da felicidade”: em inglês, aqui: Mental health and relationships ‘key to happiness’ foram apresentados em dezembro, em Londres, na conferência intitulada “Bem-estar ao longo da vida” que contou com a presença de especialistas do mundo inteiro.

Para determinar as condições que conduzem a uma vida feliz, a equipe liderada pelo especialista Richard Layard analisou 200 mil pessoas de quatro países: Austrália, EUA, Grã-Bretanha e Alemanha.

Os dados dos inquiridos (podem ser

vistos aqui: <http://voxeu.org/article/origins-happiness>) revelaram que a desigualdade financeira explica apenas um por cento da infelicidade dos cidadãos. Já a saúde emocional das crianças, revelou-se como o fator mais determinante para dar origem a uma vida adulta feliz, mais ainda do que a educação.

Diz a equipa deste estudo, que é por este motivo que, nas últimas quatro décadas, a felicidade média dos cidadãos daqueles países não aumentou, embora a qualidade de vida tenha melhorado. Assim, Richard Layard considera que “é tão importante o Estado prevenir problemas como violência doméstica, alcoolismo, depressões e ansiedade” como “combater o desemprego e a pobreza”.

Contudo, a desigualdade econômica tem sido apontada em vários estudos, como é o caso das investigações realizadas pelo britânico Richard Wilkinson, como uma das principais causas de problemas mentais, dependência de substâncias e de violência. Ou seja, talvez seja difícil combater as doenças mentais e promover relações humanas felizes sem eliminar a desigualdade social e econômica.

IHU

O CASO RENAN

O réu Renan Calheiros transformou sua ruína judicial num processo de desmoralização do Senado da República. Com a cumplicidade da volante, que faz as vezes de Mesa Diretora, Renan peitou Marco Aurélio Mello, o ministro da Suprema Corte que o havia expulsado da linha sucessória da Presidência da República. Ao se recusar a cumprir a ordem, Renan fabricou uma crise institucional a partir de um processo nascido no leito de um relacionamento extraconjugal. E o Senado virou uma espécie de Alagoashipertrofiada.

Ou a banda muda do Senado faz barulho ou os cangaceiros da Mesa Diretora darão à maioria dos senadores uma péssima reputação. O processo que levou o Supremo Tribunal Federal a converter Renan em réu mistura o que há de mais nefasto na política brasileira. Renan teve uma filha fora do casamento. Até aí, problema dele e da patroa. Acusado de pagar a pensão da criança com dinheiro recebido da Mendes Júnior, enrolou-se nas



explicações. E o problema passou a ser do contribuinte, que já não suporta fazer o papel de bobo.

Os senadores tiveram a oportunidade de se livrar de Renan em 2007, quando as pulsões do senador ganharam as manchetes. Em troca da renúncia à presidência do Senado, preservaram-lhe o mandato. Mais tarde, devolveram-lhe a poltrona de presidente mesmo sabendo que o caso resultaria em denúncia da Procuradoria. Deitando-se ao lado de Renan na mesma cama pela terceira vez, o Senado levará seu desembaraço moral às fronteiras do pa-

roxismo, humilhando-se de forma inédita. O Brasil não merece.

Com atraso de quase uma década, Renan vive o seu ocaso. Afóra o caso em que virou réu, responde a outros 11 inquiridos, oito dos quais relacionados à Lava Jato. Cedo ou tarde, terá o mesmo destino de Eduardo Cunha, hoje um hóspede do PF's Inn de Curitiba. Já se sabia que o Congresso brasileiro tem um comportamento de alto risco. Mas não se imaginou que os senadores iriam para o suicídio abraçados ao cangaço.

Josias de Souza



BONS CONSELHOS DO PAPA FRANCISCO

1. Sorrir; o cristão é sempre alegre
2. Agradecer (mesmo se não "precisar" fazê-lo)
3. Lembrar aos outros que você os ama
4. Cumprimentar com alegria as pessoas
5. Ouvir a história dos outros com amor, sem preconceito
6. Parar para ajudar quando alguém precisar
7. Incentivar quem está desanimado
8. Alegregar-se pelas qualidades ou realizações dos outros
9. Juntar coisas que não



- vai mais usar e dar a quem precisa
10. Ajudar quando necessário para que outro descanse
 11. Corrigir com amor, e não calar por medo
 12. Ter bons detalhes com os que estão perto de você
 13. Limpar o que você usa em casa
 14. Ajudar os outros a superar os obstáculos
 15. Ligar para os parentes, falar mais com eles

DECÁLOGO JAPONÊS PARA VIVER 100 ANOS

Em 2016, o Japão tinha 65.692 pessoas com mais de 100 anos. Conquistou, por isso, o recorde de país com mais pessoas centenárias. Estes japoneses têm uma qualidade de vida muito superior à de outros idosos com idades menos avançadas. Como se consegue isso?



No seu livro «O método japonês para viver cem anos», Junko Takahashi dá várias respostas, entre as quais se inclui o seguinte decálogo:

- 1 – Sejam pessoas amáveis, educadas, curiosas, decididas e de mente aberta.
- 2 – Treinem o cérebro lendo, conversando, estudando e escrevendo (um diário, de preferência).
- 3 – Lembrem-se de que os amigos são cruciais para

- 4 – Façam o que vocês gostam: transformem isso no seu trabalho.
- 5 – Convivam com a família: a presença da família proporciona motivos para viver.
- 6 – Aprendam que as adversidades também fazem parte da vida.
- 7 – Sintam o amor de outra pessoa: esse amor melhora a saúde e alonga a vida.
- 8 – Aceitem as coisas que acontecem: elas seguem o seu curso natural.
- 9 – Façam exercícios com regularidade.
- 10 – Não encham o estômago até fartar-se.

OS CINCO LÍDERES EVANGÉLICOS MAIS RICOS DO BRASIL



Nome	Igreja	Fortuna em R\$Milhões
Edir Macedo	Igreja Universal do Reino de Deus	2.000
Valdemiro Santiago	Igreja Mundial do Reino de Deus	400
Silas Malafaia	Assembleia de Deus Vitória em Cristo	300
R.R. Soares	Igreja Internacional da Graça de Deus	250
Estevam Hernandes Filho	Igreja Renascer	120

Fonte: Ver. Forbes

A VOLTA DO FILHO

Há dois mil anos os homens olham para o céu esperando a volta do Filho de Deus.

Vivem na terra, mas olham para o alto, sem perceber que já aconteceu o que tanto esperam. Idiotas, há dois mil anos o Filho do Homem retornou e pede abrigo em seus corações.

Acorda, homem! A ressurreição é a vida de Deus que bate à porta do seu coração, não um acontecimento dos últimos dias e parte de um duvidoso juízo final.

IHU



PROJETOS DE CONSERVAÇÃO DA AMAZÔNIA

Conter as consequências das alterações climáticas no planeta causadas pelas emissões de Gases de Efeito Estufa (GEE) é um dos maiores desafios da humanidade neste século 21. Na mais recente reunião do clima entre países do mundo inteiro, a COP 21 realizada em Paris em dezembro de 2015, o texto final do acordo chamado "Transformando nosso mundo: a agenda de Desenvolvimento Sustentável para 2030" reconhece que as alterações climáticas são uma ameaça urgente e potencialmente irreversível e exige uma grande cooperação de todos os países para acelerar a redução das emissões globais de GEE, especialmente o CO2. O Brasil tem um papel importantíssimo na agenda de Desenvolvimento Sustentável, especialmente conservando a floresta amazônica. Uma das formas efetivas de proteger as florestas é multiplicar os projetos de



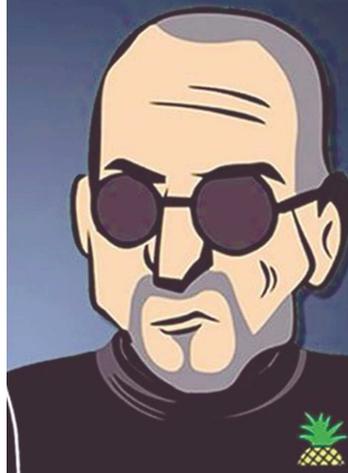
redução de emissões por desmatamento e degradação de florestas (REDD+) e incrementar o mercado de créditos de carbono. O REDD+ consiste em recompensar pessoas e governos detentores de florestas nativas que trabalhem para evitar o desmatamento e a degradação, uma vez que a vegetação em pé ajuda a manter o equilíbrio do clima retendo grandes quantidades de carbono. Assim, seria possível re-

munerar as emissões evitadas pela geração de créditos de carbono negociados em mercados financeiros. No Brasil, a maior causa das emissões é o desmatamento e degradação das florestas nativas para fins agropecuários e exploração de madeira. A estimativa é de que mais da metade do carbono que o país libera na atmosfera é proveniente dessa atividade, sobretudo na Amazônia.

Imafloza

Humor

Esmolas



Em um encontro religioso três sacerdotes discutiam como repartiriam as gordas esmolas doadas pelos fiéis.

O padre europeu disse: -Faço um círculo e jogo as esmolas para cima. O que cair dentro do círculo é de Deus, o que cair fora é meu.

O sacerdote americano disse então: - Eu farei o contrário. O que cai dentro fica pra mim e o que cair fora do círculo é de Deus.

Na vez do brasileiro, ele disse: - Eu já faço o seguinte: desenho um círculo bem grande no chão e jogo tudo pro alto. O que Deus conseguir segurar é dele. O que cair no chão é meu...